



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - DEFIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LUAN FILIPE BARBOSA DO CARMO

**O CONTEÚDO LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA CONTROVERSA
RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA: HÁ SENTIDO?**

**RECIFE
2023**

LUAN FILIPE BARBOSA DO CARMO

**O CONTEÚDO LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA CONTROVERSA
RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA: HÁ SENTIDO?**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE.

Orientador: Prof. Dr. Marcos André Nunes Costa

**RECIFE
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C287c do Carmo, Luan Filipe Barbosa
O CONTEÚDO LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA CONTROVERSA RELAÇÃO COM A
VIOLÊNCIA: HÁ SENTIDO? / Luan Filipe Barbosa do Carmo. - 2023.
61 f.

Orientador: Marcos Andre Nunes Costa.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Educação Física, Recife, 2023.

1. Educação Física. 2. Luta. 3. Violência . I. Costa, Marcos Andre Nunes, orient. II. Título

CDD 613.7

LUAN FILIPE BARBOSA DO CARMO

**O CONTEÚDO LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SUA CONTROVERSA
RELAÇÃO COM A VIOLÊNCIA: HÁ SENTIDO?**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE. Orientador: Prof. Dr. Marcos André Nunes Costa

Aprovado em 27 de Abril de 2023.

Prof. Dr. Marcos André Nunes Costa
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Rafael Miranda Tassitano
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Dra. Rosângela Cely Branco Lindoso
Universidade Federal Rural de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, por me dar todo o suporte necessário durante todo este tempo de graduação, em especial minha mãe Adriana do Carmo e meu pai Francisco do Carmo, pessoas que sempre estiveram comigo nas dificuldades e felicidades, investiram em mim seus tempos, seus conhecimentos, seus recursos, seus sentimentos e suas paciências, toda tentativa de educação para me tornar uma pessoa melhor, por isso e muito mais, obrigado. Dedico também a Rebeca Almeida, minha companheira, essa que compartilha parte da sua vida comigo e me ajuda nos mais diversos momentos, seu apoio foi essencial na minha vida. Dedico este trabalho aos professores da graduação em Educação física, que me guiaram e me ensinaram tudo o que sei hoje. Sem a sua sabedoria e orientação, eu não teria chegado tão longe. Agradeço a professora Maria Cecília, pela oportunidade de fazer parte do seu grupo de pesquisa, uma experiência ímpar ao lado de outros estudantes da graduação e pós graduação. Por fim, mas não menos importante, agradecer a minha turma que viveram comigo essa jornada de mais de quatro anos, compartilhando momentos de felicidade e tristeza, acertos e erros, reclamações e elogios, meu muito obrigado turma de 2018, vocês são diferenciados. Em especial o subgrupo intitulado de “a barca” e o subgrupo da natação, são eles: Blenda Nascimento, Cirlene Araújo, Danilo Bezerra, Endrios Santana, Filipe Andre, Gean Filho, João Crisson e Marcos Joaquim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem ele não estaria onde estou, na reta final dessa graduação, também o agradeço pela dádiva da vida e por todo plano dele para mim, sua graça em minha vida é tamanha e permite com que minhas conquistas e fracassos acrescentem na minha construção como humano, obrigado Abba. Agradeço à Universidade Federal Rural de Pernambuco, instituição que me acolheu durante todos esses anos e me proporcionou um ambiente de aprendizado e desenvolvimento pessoal incrível. Agradeço aos professores do curso de Licenciatura em Educação Física, que me ensinaram com excelência e paciência, compartilhando seus conhecimentos e experiências, e que contribuíram significativamente em suas aulas para a construção desse estudo. Agradeço ao meu orientador Marcos André Nunes Costa por ter acolhido minhas ideias e dado contribuições para o desenvolvimento das mesmas e pela dedicação das orientações durante o período da pesquisa.

RESUMO

O conteúdo lutas, por ser um dos conteúdos da Educação Física é também um componente curricular da Educação Física Escolar (EFE), sistematizado pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Em princípio é um conhecimento que é permeado de preconceitos, sobretudo pela errônea correlação estabelecida com comportamentos violentos dentro e fora da escola e, por isso, é, muitas vezes, negado e/ou negligenciado no ambiente escolar. Nesse sentido, essa pesquisa teve como objetivo analisar a relação do conteúdo Luta com a violência na educação física escolar. Na tentativa de selecionar produções alinhadas à temática da pesquisa, utilizou-se da revisão da literatura em portais, periódicos e revistas especializadas. As análises dão conta de que esse conteúdo deve ser discutido durante a formação do professor, a fim de ofertá-lo com conhecimentos teóricos e práticos, pois o mesmo tem sua importância na formação do aluno, trazendo a discussão de temas como violência, respeito, segurança, companheirismo entre outros, possibilitando durante as aulas uma síntese ampliada da relação da luta corporal com a violência, contribuindo para que as inseguranças e preconceitos possam ser diminuídos. À luz da proposta pedagógica dos Jogos de Oposição, o presente conteúdo ratifica ser um importante aliado na garantia de que o trato desse conteúdo seja efetivo na escola sem, contudo, diminuir ou desmerecer a importância das artes marciais e modalidades esportivas de combate, apenas acrescenta uma possibilidade dentro desse fenômeno.

Palavras-chave: Educação física; Luta; Violência.

ABSTRACT

The content struggles, since it is one of the contents of Physical Education, it is also a curricular component of School Physical Education (EFE), systematized by the National Common Curriculum Base (BNCC). In principle, it is a knowledge that is permeated with prejudices, mainly due to the erroneous correlation established with violent behavior inside and outside the school and, therefore, it is often denied and/or neglected in the school environment.. In that sense, this search had as objective analyze the relationship of the content Struggle with violence in school physical education. In an attempt to select productions aligned with the research theme, used the literature review in portals, periodicals and specialized magazines. The analyzes show that this content should be discussed during teacher training, in order to offer it with theoretical and practical knowledge, as it has its importance in student training, bringing the discussion of themes such as violence, respect, security, companionship, among others, enabling during classes an expanded synthesis of the relationship between corporal struggle and violence, contributing so that the insecurities and prejudices can be reduced. In light of the pedagogical proposal of the Opposition Games, this content confirms that it is an important ally in ensuring that the treatment of this content is effective at school without, however, diminishing or belittling the importance of martial arts and combat sports modalities only adds a possibility within this phenomenon.

Keywords: Physical Education; Fight; Violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 METODOLOGIA	11
3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	13
4 ORIGEM DA LUTA: PRÉ HISTÓRIA À ANTIGUIDADE.....	18
5 LUTAS, ARTE MARCIAL E MODALIDADE ESPORTIVA DE COMBATE	29
6 CONTEÚDO LUTA NA ESCOLA	38
7 VIOLÊNCIA E O CONTEÚDO LUTA NA ESCOLA.....	44
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o conteúdo de ensino Lutas na Educação Física escolar e sua relação com a questão da violência. Observamos que a violência está no centro do dia a dia e ocupa as manchetes dos jornais e todos os meios de comunicação hoje utilizados. Percebemos também que a violência assombra as consciências, de tal forma, que torna-se ameaçadora, recorrente e geradora de um profundo sentimento de insegurança. O ambiente escolar não escapa deste problema que atinge a sociedade como um todo, uma vez que a escola é uma instituição com diversas vivências permeadas pelo convívio social e pelos conflitos decorrentes. Assim, a instituição escolar se relaciona com diversos fenômenos sociais, temáticas diretas ou transversais a essa instituição, como o ato da violência física e psicológica, a indisciplina, entre outros.

Neste contexto social, o objeto de estudo desta pesquisa, as Lutas, tem uma relação associativa que o senso comum faz com a violência. As lutas vem sendo, na atualidade, regularmente transmitidas na TV aberta e fechada e internet, principalmente desde meados de 2011-2012, principalmente as lutas de “UFC”, alcançando milhões de telespectadores no país. Esta divulgação e o enorme interesse do público pelas Lutas divulgadas pela mídia, nos remetem a reflexão sobre a violência, mesmo sabendo que as lutas, enquanto esporte de rendimento tem regras, o que regula o nível de violência no ato de lutar.

Considerando que a escola tem como função social promover o processo educativo para os estudantes, ou seja proporcionar a apropriação cultural e científica dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, não podemos deixar de refletir sobre o conteúdo de ensino Lutas nas aulas de educação física. O processo de ensino-aprendizagem das Lutas no componente curricular educação física está relacionado a apresentação da cultura e história das práticas corporais, promovendo o desenvolvimento cognitivo e sociocultural dos alunos, e auxiliando no processo civilizatório. Assim, o componente curricular Educação

Física tem a necessidade de discutir e problematizar as Lutas e a violência, como temas relacionados. Contudo, dentro da literatura percebe-se uma certa exclusão no conteúdo Lutas, que talvez seja negado pela associação à violência.

[...] Na escola, local em que essa prática ou é tratada a partir do modelo hegemônico (esportivizado) ou é negligenciada causando uma consequente exclusão desse conteúdo nas aulas de educação física, sendo um dos motivos a relação do conteúdo em questão com a violência, a agressividade e a indevida apropriação desses conceitos e termos (JENO, 2014, p.1).

Segundo Almeida (2021) “as lutas configuram-se entre as práticas corporais mais antigas da humanidade e são cooptadas globalmente por diferentes instituições, com interesses distintos, ao longo do processo histórico”. A Luta adquiriu ao longo da história, sentidos e significados diferentes para a humanidade, estando presente nas mais diferentes culturas, tanto ocidentais quanto orientais. Na humanidade serviu para sobrepor interesses coletivos e individuais, contra ou a favor a certos aspectos da vida social, e por variados motivos, tais quais são variadas as sociedades.

Com ampla e complexa história, as Lutas acompanham a humanidade e se transformam enquanto conteúdo cultural, composto por: diversificação, modalidades, conceitos, técnicas, táticas, classificações e objetivos, sendo único e tão importante quanto os demais conteúdos da Educação Física Escolar. Constantemente presente na bagagem cultural de diferentes civilizações no decorrer dos séculos, Gomes (2010) diz que as Lutas já foram reconhecidas como rito, prática religiosa, preparação para a guerra, jogo, exercício físico, entre outros diversos significados que já lhe foram atribuídos, fosse ela ocidental ou oriental.

Presentes nos diversos cenários da pedagogia do esporte, praticadas pelos seus diferentes personagens, as Lutas trazem para o mundo da educação física parcelas de tradição, religião, cultura, filosofia, rituais, disciplina, além de aspectos relacionados ao corpo, movimentos, passíveis de serem transmitidos, preservados e reorganizados às necessidades de cada contexto (BENTO, 1999 apud GOMES, 2010, p. 208).

A ausência deste conteúdo na educação física escolar acarreta perdas ímpares para a formação dos discentes, pois sua presença na sociedade impõe uma reflexão pedagógica na escola, como uma possibilidade de estudar seus conteúdos de forma ampla e complexa, caso contrário a violência será sempre um sinônimo negativo da luta.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica como monografia do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, e tem como tema a relação da violência com o conteúdo Lutas, sendo intitulado “A relação entre violência e o trato do conteúdo luta na educação física escolar”.

O tema parte de um interesse pessoal, pela afinidade com as artes marciais e pela percepção de um contexto escolar marcado pela violência. Ao entrar no ensino superior a aproximação com artes marciais se expandiram, assim como o interesse pelo fenômeno Lutas e o ensino desse conteúdo na escola. Buscar se há relação da luta, arte marcial e modalidade esportiva de combate como o reforço da violência, é de meu interesse pessoal e fator determinante para pesquisar sobre a temática.

O interesse pela temática se justifica devido aos comuns episódios de violência no âmbito escolar, desde violência psicológica e verbal, até a violência que cause dano físico. Esta última acontece de discente para discente, acontecendo em muitas escolas, de forma generalizada entre os mesmos. Há casos de violência também entre discente e docente, se estendendo aos demais funcionários. Seja em rede pública ou privada, em aula ou fora dela, na instituição de ensino ou fora da instituição, a sociedade como um todo vivencia episódios de atos violentos.

Dentro da educação física pode ocorrer algum episódio de violência em qualquer conteúdo, contudo há um tema que se associa mais a esse ato, que é a Luta. Dentro das pesquisas realizadas com professores percebe-se a preocupação e insegurança com esse conteúdo, podendo até, em alguns casos, ser trabalhado de forma teórica, excluindo assim a vivência prática.

Assim, o que se busca com essa pesquisa é analisar se há relação de causa e efeito da Luta com o ato de violentar terceiros, ou mesmo se a luta não poderia colaborar na busca de estratégias e ações para contribuir no combate a violência. A escolha do professor Marcos André Nunes Costa como professor orientador se deu também pela sua afinidade com o conteúdo Lutas e pelo fato de lecionar a disciplina de “metodologia do ensino das lutas” no curso de licenciatura em educação física da UFRPE.

Neste sentido, esta pesquisa propõe o seguinte problema: O conteúdo Lutas na educação física escolar reforça atitudes violentas ou serve como uma ferramenta contra esse tipo de comportamento?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação do conteúdo Lutas com a violência na educação física escolar. Seguido de objetivos específicos como: 1. problematizar a relação da Luta, modalidade esportiva de combate e artes marciais com a violência. 2. verificar como se dão as práticas pedagógicas nas aulas com o conteúdo lutas.

2 METODOLOGIA

A Pesquisa é o processo sistemático e metodológico de coletar, analisar e interpretar informações com o objetivo de adquirir conhecimento ou resolver problemas. É uma atividade que envolve formular uma pergunta ou hipótese, coletar dados relevantes, analisar e interpretar esses dados e apresentar os resultados de forma clara e objetiva.

A pesquisa é a atividade nuclear da Ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real. A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos (GERHARDT, 2009, p.33).

Na pesquisa existem os tipos de pesquisa, a pesquisa pode ser qualitativa ou quantitativa, isso quando se pensa na abordagem da pesquisa. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. (GERHARDT, 2009). Portanto, a pesquisa qualitativa se concentra em vários aspectos da realidade Inquantificável e focado em entender e explicar a dinâmica das relações sociais. Enquanto na pesquisa quantitativa, a abordagem de pesquisa se baseia na coleta e análise de dados numéricos para medir e descrever fenômenos sociais. É usado para responder a perguntas que envolvem números e estatísticas, geralmente buscando a compreensão da relação entre variáveis e a generalização de resultados para uma população maior.

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada

pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente (FONSECA, 2002, p. 20 apud GERHARDT, 2009, p.35).

Gerhardt ainda traz a classificação quanto ao objetivo da pesquisa, sendo dividida em três, a pesquisa exploratória, a pesquisa descritiva e a pesquisa explicativa. Na pesquisa exploratória a maioria envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007 apud GERHARDT, 2009, p.37). São exemplos da pesquisa exploratória a bibliográfica e estudo de caso. A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987 apud GERHARDT, 2009, p.37). São exemplos de pesquisa descritiva: estudos de caso, análise documental, pesquisa ex-post-facto. A pesquisa explicativa preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Ou seja, este tipo de pesquisa explica o porquê das coisas através dos resultados oferecidos (GIL, 2007 apud GERHARDT, 2009, p.37). São exemplos de pesquisa explicativa: experimentais e ex-post-facto.

Por fim, Gerhardt divide em procedimentos as pesquisas: experimental, bibliográfica, documental, de campo, ex-post-facto, levantamento, com survey, de caso, participante, pesquisa-ação, etnográfica e etnometodológica.

Esse trabalho corresponde a uma pesquisa de tipo qualitativa, de objetivo exploratória e procedimento de pesquisa bibliográfica. Sobre essa última:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32 apud GERHARDT, 2009, p.39).

A pesquisa bibliográfica é a pesquisa escolhida para esse trabalho pelo que corresponde a sua essência, que é o processo de busca, análise e descrição de um conhecimento para buscar resposta a uma pergunta específica.

Além disso, traz fontes não reativas, as informações contidas permanecem inalteradas depois de postas. Podendo ser considerada uma fonte natural de informação, uma vez que são originárias de um dado contexto histórico, econômico e social, apresentando dados sobre tal realidade.

Por fim, na tentativa de responder um problema, essa pesquisa permite ao pesquisador ampliar seu conhecimento sobre o tema que está estudando, identificar lacunas no conhecimento já existente, fundamentar teoricamente seus argumentos e embasar suas sínteses, por meio da leitura crítica e interpretação textual, que se constrói pelo acesso a literatura.

3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Neste tópico, há a presença de produções acadêmicas que norteiam a temática do fenômeno luta na educação física escolar e sua relação com a violência. Considerando que há mais estudos acerca da luta corporal na educação atualmente, mais especificamente sobre a problemática da sonegação do conteúdo por parte de professores e da importância do conteúdo para a construção do conhecimento das crianças e jovens na escola, a relação estabelecida com a violência aparece como um dos empecilhos para o trabalho do conhecimento.

Sendo assim, faz-se necessário acessar essas publicações no intuito de compreender o estado do conhecimento sobre o tema. O objetivo da revisão bibliográfica foi realizar uma busca sistemática e crítica das informações, identificando, selecionando, analisando e sintetizando saberes contidos principalmente em artigos científicos, que possam contribuir para a compreensão do tema em questão, uma vez que o objetivo desse trabalho é analisar a relação do conteúdo Lutas com a violência na educação física escolar.

Na tentativa de selecionar produções alinhadas à temática da pesquisa, utilizou-se na revisão da literatura o Portal Periódicos CAPES/MEC (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação), a Revista Movimento, a Revista Brasileiro de Ciências do Esporte e até mesmo e até mesmo o Portal Regional da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde). Ao utilizar os

descritores "Educação física" And luta And violência nos bancos de dados, o resultado foi de 06 (seis) artigos no Periódico CAPES, 01(um) artigo na Revista Movimento, 0 (zero) artigo na Revista Brasileiro de Ciências do Esporte e 03 (três) no Portal Regional da BVS, sendo que dentre essa quantidade houve repetição de artigos, reduzindo para 06 (seis) o número de artigos que tinham relação com o tema proposto. Desses 06 (seis) foram utilizados 04 (quatro) artigos que estão presentes no quadro abaixo.

Ano	Autor	Título
2014	Viviane Lopes Freitas Ueno; Marcel Farias de Sousa	Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia
2013	Daniel Giordani Vasques; José Arlen Beltrão	MMA e Educação Física Escolar: a luta vai começar
2021	Laiza Maria Almeida; Rafaella Bôto Ferreira Costa; Luciana Venâncio; Luiz Sanches Neto	Desmistificando as práticas de lutas e problematizando questões relacionadas à violência nas aulas de Educação Física
2018	Leonardo Ribeiro da Silva; Cristiane da Silva Santos; Maristela Vicente de Paula; Neila Maria Mendes Borges	O conteúdo de lutas no combate à violência da discriminação e do preconceito na escola mediado por histórias em quadrinhos
2007	Paulo Rogério Barbosa do Nascimento; Luciano de Almeida	A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades

2018	Marcos Roberto So; Mauro Betti	Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de educação física
2020	Marcos Roberto So; Rogério de Melo Grillo; Mauro Betti; Elaine Prodócimo	Jogo e lúdico no conteúdo lutas em aulas de educação física escolar

O artigo de Viviane Lopes Freitas Ueno, de título **Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia**, tem como objetivo apresentar as percepções de estudantes de uma escola estadual de Goiânia, sobre a relação agressividade e lutas/caminho-via marcial tematizadas nas aulas de educação física. Trata-se de uma pesquisa qualitativa utilizando como instrumentos para a coleta de dados a observação sistemática e participante, avaliações aplicadas no decorrer do bimestre e relato oral. Para a análise do material coletado, estabeleceu-se os seguintes eixos: compreensão dos alunos sobre as lutas; relação entre gênero e lutas; compreensão sobre a violência e agressividade. Conclui-se que há uma distorção na representação das lutas e uma associação com a temática violência, evidenciando a necessidade do trato pedagógico na escola pela disciplina Educação Física sobre o tema.

O artigo de Daniel Giordani Vasques, intitulado **MMA e Educação Física Escolar: a luta vai começar**, o trabalho conta que o MMA é fruto de uma histórica tensão entre a busca pelo mais forte e a tolerância à violência socialmente aceita - tem se tornado extremamente popular no Brasil, sendo alvo de debates também entre crianças e adolescentes. O autor diz que o MMA aparenta ser uma manifestação cultural relevante para a Educação Física escolar e que, inclusive, pode ocupar o lugar (pouco ocupado) das lutas tradicionais na Educação Física. Contudo, a violência nas lutas, a formação precária dos professores e a rejeição da comunidade podem afastar dos alunos o conhecimento científico sobre essa modalidade. Assim, discute-se no texto o

MMA enquanto manifestação sociocultural e seu tensionamento com a Educação Física escolar.

Laiza Maria Almeida é a autora do texto **Desmistificando as práticas de lutas e problematizando questões relacionadas à violência nas aulas de Educação Física**, este artigo caracteriza-se como de natureza bibliográfica e cunho descritivo-exploratório, seu objetivo é desmistificar a violência como sendo intrínseca às lutas, bem como problematizar situações de violência que se apresentam no âmbito da educação física escolar (EFE) relacionadas a este conteúdo, apontando o ensino das lutas como uma possibilidade de debater e compreender de forma mais ampla esta temática. Segundo a autora estudos apontam a necessidade de discutir a associação das lutas a práticas violentas e agressivas, o que evidencia uma lacuna acerca do debate sobre a pluralidade sócio-histórica e cultural dessas práticas. Na tentativa de contribuir, realizou-se o levantamento bibliográfico sobre o estigma de violência e agressividade atrelado às lutas, relacionando o ensino dessas práticas com o processo de desenvolvimento humano dos sujeitos, considerando as questões de violência que afetam o contexto das aulas de EFE. Diante do exposto, considerou-se relevante uma abordagem teórico-metodológica que desmistifique a percepção superficial sobre o ensino das lutas, projetando um olhar crítico e reflexivo sobre estas práticas que fazem parte do “Se movimentar”, problematizando os mais variados aspectos a estas relacionados, que nos permitem compreender sua aproximação com questões sociais, econômicas, políticas, filosóficas, dentre outras demandas ambientais apresentadas pela EFE. Em síntese, foi considerado que o entendimento sobre as lutas deve ultrapassar os conhecimentos técnicos e táticos de cada prática, imergindo em questões mais profundas que contraponham ideias equivocadas sobre as lutas, como a relação errônea destas com as situações de violência. É necessário então pautá-las numa perspectiva complexa para sistematizá-las como elementos na dinâmica da cultura

O artigo do autor Leonardo Ribeiro da Silva, tem como título **O conteúdo de lutas no combate à violência da discriminação e do preconceito na escola mediado por histórias em quadrinhos**, Esse trabalho teve como objetivo construir e investigar uma prática pedagógica significativa com o conteúdo Lutas em interface com o tema violência da discriminação e do preconceito utilizando histórias em quadrinhos (HQs). A pesquisa de caráter descritivo exploratório foi realizada no 3º ano do Ensino Fundamental numa escola pública de Catalão/GO. Os dados foram

coletados através da observação e da roda de conversa e registrados em caderno de campo após intervenções pedagógicas envolvendo práticas de Lutas no contexto de duas narrativas dos super-heróis X-Men; houve ainda a exibição de animação, a produção de debates e práticas corporais envolvendo jogos de combate, em um enredo de narrativas à semelhança simplificada do sistema RPG (Rolling Play Games). A análise qualitativa dos dados permitiu concluir que as HQs são significativas no processo de ensino e aprendizagem de Lutas, sendo um recurso que instiga a imaginação, a curiosidade e a criatividade das crianças, contribuindo para a compreensão das diferenças e o respeito ao outro. Ensinar sobre as Lutas na escola e o combate à discriminação e ao preconceito é uma escolha pertinente frente às contradições sociais da contemporaneidade que ameaçam retroceder conquistas sociais e culturais no campo da diversidade.

Paulo Rogério Barbosa do Nascimento é o principal responsável pelo texto **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades**, o autor fala que o tema “lutas”, indicado para ser tratado pedagogicamente pela disciplina curricular de Educação Física na escola, apresenta algumas restrições. Para ele o desafio do seu trabalho foi realizar uma necessária reflexão sobre o tema e efetivas intervenções no contexto escolar, para contrapô-las. O mesmo entende que, com essas experiências “singulares”, foi possível relativizar “empecilhos” postos para o trato pedagógico desse conteúdo na escola.

Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de educação física é um texto de autoria do Marcos Roberto So. O objetivo desta investigação é compreender como os alunos se relacionam com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física. Trata-se de um estudo de caso que se utilizou de entrevistas com alunos e docente, e observação de aulas. Os resultados apontam que relações identitárias e sociais condicionam os sentidos iniciais e o interesse dos alunos pelas lutas, bem como as estratégias de ensino condicionaram a mobilização ou desmobilização para a aprendizagem. Conclui-se que o ensino de lutas na escola encontra-se permeado por tensões, sendo necessária a resignificação dos preconceitos dos alunos, a (re)construção do conhecimento pedagógico deste conteúdo por parte do professor, e que a Educação Física como disciplina escolar deve inter-relacionar todas as figuras do aprender: saber-objeto, saber-domínio e saber-relacional.

Jogo e lúdico no conteúdo lutas em aulas de educação física escolar é um texto de Marcos Roberto So, onde ele discorre sobre o trato pedagógico do conteúdo “lutas”, e fala que ainda há dificuldades e tensões entre professores e alunos. O objetivo do trabalho de Marcos So é discutir a influência de jogos nas relações de sentido e mobilização no conteúdo lutas na perspectiva dos estudantes. Trata-se de um estudo de caso com uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental. Os procedimentos metodológicos foram: (a) observação de aulas do conteúdo “Judô”; (b) entrevistas semiestruturadas com estudantes, antes e após a sequência de aulas. Na observação das aulas, verificou-se que a professora utilizou jogos de lutas, que se mostraram adequadas para minimizar sentimentos de medo, ansiedade e estresse relacionados ao machucar-se na realização da luta. Ademais, a diversão e a ludicidade proporcionada pelos jogos promoveram uma dissociação da luta com a violência e a briga. A imersão e o arrebatamento dos alunos nos jogos de lutas possibilitaram a suspensão de impressões iniciais (luta machuca, é violenta, etc.) estereotipadas em relação às lutas, sobrepujando-os para o mundo de fantasias do jogo. Nesse sentido, os jogos de luta mostram-se essencial para o trabalho pedagógico do conteúdo lutas, sobretudo ao mobilizar a participação de alunos.

4 ORIGEM DA LUTA: PRÉ HISTÓRIA À ANTIGUIDADE

A visualização da Luta Corporal hoje pode ser limitada a modalidades esportivas, erroneamente a reduzindo, se levar em conta todo seu conhecimento acumulado historicamente na sua trajetória linear com o desenvolvimento da humanidade, a luta pôde adquirir durante a história variados sentidos e significados para a humanidade, sua presença tanto no ocidente como no oriente remete a existência em diferentes povos, interagindo e formando cultura.

A espécie humana e a luta corporal interagem desde a pré história, como forma de manter seus interesses de sobrevivência, aquisição, permanência e etc. a espécie humana utilizou ações de ataque, defesa e dominação/controla tanto em confrontos com indivíduos da mesma espécie quanto com espécies de animais que o(s) ameaçasse(m).

Segundo Archanjo (2019, p.42) os primeiros ancestrais do homem viviam em bandos, provavelmente tendo um parentesco, a quantidade de indivíduos variava de

acordo com a área habitada, as possibilidades que aquela terra tinha em ofertar alimentos como frutas, ervas, raízes e carne aproveitada da carcaça de animais mortos por outros predadores. Levando esse contexto em relação, criasse a suposição da primeira interação dos ancestrais humanos com a luta. Há hipótese que diz que a primeira vez que o ancestral do homem utilizou-se de seus atributos físicos para o confronto corporal, ou seja, lutou, foi para determinar a liderança do seu grupo, e assim poder passar para as futuras gerações os seus genes, garantindo assim a evolução da espécie. Essa hipótese se apoia no comportamento de chimpanzés pela proximidade de espécie, pois todos são primatas oriundos do noroeste da África antes da divisão de linhagem e evolução independente.

Os chimpanzés são nossos parentes vivos mais próximos, compartilhando mais de 98% de nosso projeto genético. [...] Na sociedade dos chimpanzés parece prevalecer mais o autoritarismo do macho dominante. No entanto, dentro do próprio grupo existem os “golpes de estado”, constantemente um chimpanzé jovem une-se com outros para matar o macho dominante (O próprio pai, caso o grupo for pequeno) e assim assumir o poder. É comum ver o macho dominante cair em ciladas e ser morto. O chimpanzé, dentre todos os grandes primatas, é o único, além do homem, é claro, a apresentar tal comportamento: matar o próprio semelhante por causa do poder. Outro comportamento típico de homens e chimpanzés é o tratamento dado às fêmeas. Enquanto nos outros grandes primatas a fêmea é protegida e cortejada, nos chimpanzés e em algumas sociedades humanas, ela é reprimida e espancada (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2016).

Por essa comparação entre primatas, se supõe que a primeira motivação dos ancestrais humanos de lutar tenha sido a mesma dos chimpanzés e gorilas, o poder de liderança e a possibilidade de reprodução, a fim de dar continuidade aos seus genes. Deve-se levar em consideração que estes ancestrais tinham pelo formato do seu crânio, dificuldade na mobilidade da língua e por isso pouca ou nenhuma comunicação oral.

Segundo Foley (2003), para discursar, precisa-se ter controle muscular preciso sobre o corpo, se respira com enorme controle para produzir sons. O diafragma humano é mais desenvolvido e tem muito mais nervos que o diafragma dos parentes mais próximos e sem fala, os macacos.

O resultado de ter todos esses nervos é que a medula espinhal é um pouco mais grossa nessa área que a dos macacos, e a coluna vertebral também precisa ser um pouco mais larga.

Se observar os neandertais, cerca de 600 mil anos atrás, eles têm essa expansão na coluna vertebral. Mas se olhar um milhão de anos atrás, para o Homo erectus, uma espécie anterior de humanos arcaicos, essa expansão na coluna vertebral não existia.

Deve-se considerar também a existência do gene chamado FOXP2, que é comum em todos os primatas, mas que segundo Foley (2003), os seres humanos têm uma versão mutante. Sabe-se que esse gene tem um papel crucial no desenvolvimento da fala e do discurso, porque as pessoas que têm a forma não mutante do gene geralmente têm problemas na elaboração do discurso. Considerando esses elementos é pouco provável que as primeiras gerações tenham democraticamente escolhido um líder e superado as diferenças internas de forma “civilizada”.

Além da luta por liderança, é provável que nos milhares de anos de vida desses ancestrais, eles tenham entrando em confronto com outros hominídeos com os quais coexistiram, como também tenham lutado com outros predadores da época, já que no princípio o homem não ocupava o topo da cadeia alimentar.

Para não ficar apenas em teorias biologicistas, tem-se outro aspecto importante, Segundo Norbert Elias (1969) quanto menor a interdependência entre membros de uma mesma comunidade, provocada pela divisão do trabalho, e menor o controle social, por parte de um Estado e seus mecanismos de repressão, maior pode ser a utilização da força física por parte de seus integrantes em suas relações.

Com a evolução veio a organização social onde o homem passou a ser mais cooperativo e interdependente, desenvolvendo formas diferentes de apontar a liderança de seu grupo, diminuindo assim a luta pelo poder. A palavra “diminuição” é o grande ponto, já que diminuir não quer dizer findar. Esse período corresponde ao Paleolítico que é conhecido como Idade da Pedra Lascada. Esse nome é decorrente da habilidade desenvolvida pelos primeiros seres humanos na produção de ferramentas e instrumentos de trabalho.

Para usar as pedras como objetos cortantes, utilizados para diversas atividades cotidianas, era preciso bater uma pedra na outra (geralmente sílex, quartzo e quartzite) com o objetivo de lascar uma delas e assim conseguir criar uma lâmina rudimentar, utilizada para cortar ou raspar. Com essas pedras, podiam construir machados e outros instrumentos. Eram utilizados ainda ossos e dentes de animais como ferramentas.

No final do Paleolítico as pessoas passaram a desenvolver a habilidade de controlar o fogo, utilizado para o aquecimento, proteção e cozimento de alimentos. Todos esses acontecimentos ajudaram para elevar o status da espécie em relação a outras e subir na cadeia alimentar.

Prosseguindo, o homem chegou ao Mesolítico, é importante destacar que a transição do Mesolítico é um fenômeno histórico ocorrido apenas com a espécie Homo Sapiens, em um momento em que não havia mais outras espécies existentes do gênero Homo. Nesse período acontece a introdução da agricultura e a caça, já que o homem dominava variadas ferramentas. Pelo avanço dessas ferramentas e ter sentidos e funções também de arma, no Mesolítico é provável que as Lutas tenham tido um sentido diferente.

A determinação da liderança já não precisava ser exercida pelo mais forte. As ferramentas desenvolvidas pelo homem primitivo como facas, lanças e machados, mesmo de pedra, davam condições de vantagens a seu possuidor, mesmo ele sendo desprovido de força física, as habilidades com as ferramentas determinariam o ganho ou a perda num confronto.

Outro ponto levantado por Godelier (1971, p.179) é que algumas sociedades primitivas de caçadores desenvolveram formas de diminuir as tensões criadas dentro do grupo, como por exemplo um ritual de divisão da caça, de um jeito que todos daquele bando tivessem o seu pedaço. Também foi observado que em tribo de caçadores primitivos a liderança era compartilhada entre os anciãos e os mais experientes na caça.

O Mesolítico corresponde ao fim da era glacial, com a formação de grandes extensões de florestas e de desertos e semi-desertos. Essa fase geológica proporcionou a extinção de determinadas espécies grandes, como os mamutes, mas possibilitou a expansão da diversidade tanto da fauna quanto da flora, assim os homens estabeleceram outra relação com a natureza, no sentido de dominá-la, domesticando animais, fixando-se em regiões, com a formação de aldeias e as primeiras cidades, e dando início à produção agrícola como citado anteriormente.

Contudo, como resultado da era glacial vários materiais que auxiliariam no entendimento do que aconteceu naquele período se perderam, dificultando apontar o sentido da Luta nesse período. No entanto, Filho (2002) elucida um pouco sobre o homem nessa época e suas práticas que estão relacionadas com a luta corporal.

Em resumo, a hipótese original da sobremantença está baseada principalmente em três aspectos: 1. Há uma coincidência entre as datas de chegada do *H. sapiens* nessas regiões e a extinção da megafauna e, ao contrário do que ocorreu nos outros eventos de extinção em massa, não há uma simultaneidade dos eventos de extinção nas diferentes partes do mundo; 2. A extinção do Pleistoceno está muito concentrada em animais de grande porte e; 3. Há, na América e em todas as regiões do mundo, evidências arqueológicas que mostram concentração das atividades de caça dos grandes mamíferos (e aves, principalmente na Austrália e Nova Zelândia) (FILHO, 2002, p.55).

A noção de preparo neste período já era algo bem desenvolvido. Armas como arco e flecha e lanças necessitam de treino para serem bem utilizadas para a caça. Da mesma forma como a caçada coletiva necessitava de preparação. A Luta serviria como forma de preparar os guerreiros das tribos, iniciá-los na vida de caçador e até mesmo como forma de se preparar para o combate com inimigos de tribos não amistosas.

Além da prática da caça para matar animais, conflito de tribos, defesa de pertences ou tomada de pertences, a prática corporal de luta pode ter sido realizada em forma de rituais, seguindo alguma superstição ou adoração.

O próximo período Neolítico, que ficou marcado por ser o momento em que o ser humano se sedentarizou, passando a desenvolver e sobreviver da agricultura, e novas ferramentas passaram a ser produzidas de pedra polida. Com o desenvolvimento da agricultura houve mudança na relação do homem com o modo de produção de bens de consumo.

Inicia-se neste período a divisão social do trabalho e as categorias ou funções sociais. E com a sedentarização, as primeiras cidades começaram a surgir. Além desses dois pontos cruciais também houve o desenvolvimento da escrita, feito realizado pelos sumérios, por volta de 3000 a.C., quando foi desenvolvida a escrita cuneiforme.

É importante a colocação de que os avanços da chamada revolução neolítica não aconteceram de maneira uniforme, os avanços da humanidade foram acontecendo em velocidades distintas em cada região, sendo assim, os avanços da Revolução Neolítica em algumas áreas acontecendo de forma tardia.

Adiante a sociedade vivenciou descobertas e invenções que ajudaram no aprimoramento da vida desses grupos, como a roda, com o cultivo de alimentos algumas preocupações surgiram como a proteção daquele recurso consequentemente tendo que haver fiscalização nas proximidades, influenciando na

construção de moradias, posteriormente o aprimoramento desse sistema levou a humanidade as primeiras formas de estado.

Esse ponto é essencial para o desenvolvimento da luta e seus estilos, pois com a organização social regida pelo estado designa-se funções aos membros dela, sendo necessário pessoas para fazer com que a lei estabelecida seja cumprida e proteger os indivíduos das ameaças externas que vinhessem a aparecer.

Esse tipo de grupo tiveram várias adjectivações e suas funções mudaram ou se especializaram no decorrer dos anos, sendo atualmente conhecidos como: Guerreiros, soldados, milícia, polícia entre outros. O importante nesse contexto é saber que foram estes grupos os responsáveis pela sistematização e avanço da luta, pois as comunidades além de dependerem desses agentes da luta como aparelho repressor, também os utilizavam em defesa de propriedade ou tomada de propriedade, nos frequentes confrontos bélicos.

A guerra é, portanto, a grande tarefa que a todos compete, o grande trabalho comunal, e se faz necessária, seja para a ocupação das condições objetivas da existência, seja para a proteção e perpetuação de tal ocupação. A comunidade integrada por grupos de parentesco, é, pois, em primeira instância, organizada militarmente como força guerreira militar, e esta é uma das condições de sua existência como proprietária. A concentração de moradias na cidade é a base desta organização bélica (Marx, 1991, p.69).

É pela luta que inicialmente se protege a posse da terra e tudo aquilo que é produzido em volta da agricultura, é pela luta que se ganha ou perde batalhas, entre comunidades ou subgrupos, é o desenvolvimento da luta que possibilita a imposição de interesses. Portanto, a luta significa status de poder.

Na Idade dos Metais houve um grande avanço para a humanidade, tanto no campo da tecnologia como na comunicação e transmissão de conhecimentos. A descoberta e o controle dos metais possibilitaram aos seres humanos criar ferramentas e armas mais duráveis e eficazes do que aqueles feitos de pedra ou madeira, o que teve um impacto significativo na forma como as pessoas viviam e se organizavam em sociedades.

Além disso, a invenção da escrita representou um marco na história da humanidade, permitindo a criação de registros escritos que poderiam ser preservados ao longo do tempo. Isso tornou possível registrar a história, a cultura, a religião e outras formas de conhecimento, garantindo que esse conhecimento

pudesse ser transmitido de geração em geração de forma mais precisa e eficiente. Não havia mais o risco da perda das tradições e conhecimentos a serem passados às futuras gerações, o homem podia eternizá-las através da escrita.

Com o desenvolvimento de armas de metal mais eficazes, como espadas, lanças e escudos, os homens intensificam as campanhas bélicas e as invasões, com o intuito de obter novas conquistas para o desenvolvimento e sobrevivência do estado, tornando assim os guerreiros uma classe social indispensável.

A Guerra foi o principal fato que coloca a luta corporal e com armas, na prática diária da maioria dos povos do mundo nos próximos séculos de existência do homem. Contudo, muitas comunidades da época realizavam competições e rituais de luta corporal como parte de suas tradições também. Desta época data o surgimento de grandes civilizações, das quais algumas perduram até hoje: a Chinesa, a Hindu, a Egípcia e a Grega.

Na Grécia clássica as Lutas de Pugilismo, de Luta-Livre e Pancrácio faziam parte das competições dos diferentes jogos da antiguidade, como também, era parte do treinamento dos soldados das muitas ilhas gregas. Em Roma, as lutas entre gladiadores, mercenários e contra feras, vindas de todas as partes do mundo romano, ajudavam na “política do pão e circo” como uma das formas de controle da grande população das cidades. Os espetáculos podiam durar dias, até meses, dependendo da ocasião ou do homenageado dos Jogos (ARCHANJO, 2019, p. 12).

Essas civilizações aqui citadas são exemplos de povos que evoluíram até o status atual de país, tendo em tempos longínquos o adjetivo de povos civilizados, quando comparados com outros povos percebe-se que a evolução não acontece uniformemente, havendo povos que não tinham por condições da própria dinâmica das relações humanas e o controle dos eventos extra-naturais, desenvolvido um formato social mais diversificado.

Estes povos que viviam em “certo nível de atraso” ficaram conhecidos como bárbaros, viviam como caçadores. Porém alguns dominavam a metalurgia e viviam dos resultados das campanhas bélicas para suprirem o seu povo dos alimentos que não sabiam ou não podiam produzir. Comparando os bárbaros e os “povos civilizados” aos povos pré-históricos, se percebe uma relação daqueles humanos que dedicavam o tempo a agricultura e proteção de território por ter produzido comida (animal e vegetal) e moradia naquele local, aos humanos nômades que caçavam e coletavam, cada grupo priorizou uma organização para sobreviver, essas organizações criaram formas distintas de se viver, os povos que viviam da

caça e da coleta de alimentos usufruíam mais do tempo livre do que os povos que iniciaram a agricultura e a criação de animais, contudo esses povos tinham problemas com a transmissão dos conhecimentos, a vida nômade dificultava o desenvolvimento da cultura, sendo boa parte do seu tempo destinado a atividades religiosas e preparação para conflitos.

Os povos que se dedicavam à criação de animais, agricultura e construção de casas, tiveram uma melhor experiência com os conhecimentos culturais e como já dito anteriormente uma certa evolução até o período da antiguidade. Essa volta no tempo ajuda a entender as diferenças nas atitudes de conquista dos povos da antiguidade, os selvagens costumavam roubar, matar, pegar alguns escravos e voltar aos seus territórios.

Já a civilização Baseada na agricultura, incorporava aos seus domínios os territórios conquistados, Aliava-se aos nobres locais que perderam o poder, em troca os conquistados deveriam obedecer ao novo poder sendo parte da produção local enviada ao centro do império.

Através desta organização grandes civilizações foram formadas, pois as pessoas conquistadas se tornavam escravas, sendo obrigadas a trabalhar na produção de alimentos para os conquistadores, que puderam dedicar-se a atividades diversificadas não ligadas à produção de alimentos, essas condições sócio-econômicas possibilitaram o despertar das ciências, das artes, e aprimoramento da atividade Bélica.

O emprego de escravos tende a afastar homens livres do trabalho, que é visto como ocupação indigna. Ao longo da classe superior, que não trabalha, proprietária de escravos, forma-se uma classe média que também não trabalha. Devido ao emprego de escravos, a sociedade é forçada a adotar uma estrutura de trabalho relativamente simples, servindo-se de técnicas que podem ser utilizadas pelos escravos e, que, por esta razão, torna-se relativamente impermeável à mudanças, ou melhoramento e à adaptações a novas situações. A reprodução de capital fica vinculada à reprodução dos escravos e, dessa maneira, direta ou indiretamente, ao sucesso de campanhas militares, à produção de reserva de escravos (ELIAS, 2001, p.56).

Desde o início do cultivo de plantas e criação de animais até esse modelo de sociedade fazem milhares de anos, e houve alteração no que significa realizar essas práticas na pré-história e alguns séculos antes de Cristo.

O valor da terra e o que se cria a partir dela é o mesmo, mas o trabalho nela é realizado por homens tidos como inferiores por seus mestres, este trabalho agora

é para escravos. Esta configuração permite aproveitar os benefícios dos métodos de produção agrícola sem ter que consumir o tempo e a força física do proprietário, esta é uma forma de exploração que perdura e avança, com as devidas proporções se assemelha com alguns trabalhos da atualidade.

Por possuírem um sistema de classes nobres e escravos, algumas sociedades antigas precisavam se empenhar em atividades bélicas para sustentar esse modelo de vida. Esse modo de vida exigia muito esforço e recursos, o que tornava a manutenção desse formato custosa, seja na conquista ou na manutenção as lutas corporais eram essenciais.

No caso específico dos cidadãos gregos, havia uma expectativa social em relação às atividades físicas que eles deveriam realizar diariamente. Isso refletia não apenas a importância atribuída à educação física na cultura grega, mas também a necessidade de manter uma população forte e saudável para sustentar o sistema de defesa da cidade-estado e participar de campanhas militares.

Ao reportamo-nos ao corpo do herói grego, não podemos entendê-lo enquanto um padrão corpóreo intencionalmente forjado pelo homem individualmente, a partir de sua vontade. Temos que analisá-lo no contexto da época, onde o corpo forte e bem formado assume uma dimensão coletiva e responde às necessidades práticas daquele período histórico. Quando estudamos a Grécia do século IX ao século VI antes da era cristã, observamos a emergência de cidades guerreiras, cuja base, na qual seus habitantes eram educados, voltava-se para a formação de uma índole forte e combativa. Seus cidadãos eram preparados para honrar sua linhagem e jamais fugir do combate. É este espírito de guerra entre diversas tribos que habitavam o território da Antiga Grécia um dos principais fatores que contribuem para o nascimento do corpo do herói como padrão socialmente necessário (SANTOS, 1997, p. 74).

Assim os costumes gregos foram de extrema importância para a atividade física, contribuindo conseqüentemente no desenvolvimento da luta corporal, pessoas aptas para a socialização e para enfrentar as duras campanhas bélicas.

Cada vez mais modernizada a sociedade, mais burocratizada ela se torna, levando uma maior pressão social para o cumprimento das normas e regras sociais, que eram impostas tanto pelo Estado quanto pelos próprios membros da sociedade, à medida que as normas sociais se tornam mais complexas e abrangentes, cada indivíduo precisa desenvolver um senso de autocontrole para ajustar seu comportamento de acordo com as expectativas sociais. Isso permitia que as

tensões sociais fossem gerenciadas de forma mais eficaz, sem uma necessidade constante de coerção externa.

Para ajudar nesse autocontrole estas tensões internas podiam ser canalizadas e direcionadas em práticas socialmente aceitas como: as atividades físicas, competições esportivas, representações artísticas e lutas corporais (contra pessoas ou animais).

No caso das lutas como forma de entretenimento, mesmo a morte de um lutador poderia ser vista como uma consequência aceitável e o vencedor sem nenhuma repulsa era aplaudido, contudo em outros contextos, as mesmas ações violentas poderiam ser vistas como inaceitáveis e condenadas pela sociedade.

Nos primeiros jogos, os lutadores do Pugilato eram técnicos, mas com o tempo o esporte passou a ser brutal e muito agressivo, as baixas eram comuns e os lutadores terminavam os embates com fraturas e lesões graves. (FERREIRA,2018)

Não era aceitável matar durante uma competição, mesmo em eventos como o pancrácio, onde as regras eram mais flexíveis, havia limites e restrições para evitar lesões graves ou morte, essas eram as regras, mas como citado acima num jogo que era tão antigo quanto o pancrácio as mortes eram comuns.

Desta forma, era nas Lutas, que tanto praticantes como espectadores, podiam liberar todo o prazer do uso da força física. Havendo também o envolvimento das artes para retratação dos eventos esportivos estando a luta incluso em descrições daquela realidade.

Outro fator importante para o desenvolvimento da Luta no período e que já foi citado aqui, é a sua inclusão na educação da nobreza. A educação física era vista como uma parte essencial da formação integral dos cidadãos gregos, que acreditavam que a mente e o corpo deviam ser desenvolvidos de forma equilibrada. Além disso, a prática de atividades físicas era vista como uma forma de cultivar valores como disciplina, autocontrole, lealdade e respeito pelas regras, valores que eram considerados importantes para a formação do caráter dos jovens, em Atenas tinha um certo equilíbrio entre as atividades físicas, artísticas e intelectuais.

Entretanto, Esparta foi levada, a uma supervalorização da educação com fins bélicos, pela necessidade histórica de formar o cidadão guerreiro, em detrimento da história/local da sua fundação. Os atenienses, assim como outras cidades-estado gregas, dependiam da guerra para a manutenção de seu formato social, mas isso

não significa que a guerra fosse o único foco de educação física e cultural dos jovens.

Sua evolução social em terras de ancestrais possibilitou que as guerras fossem travadas longe da pátria, podendo assim, os que dela não se ocupava, cultivar uma educação mais equilibrada, introduzindo as futuras gerações na música, poesia, oratória, e atividades físicas que historicamente vinham cultivando e aperfeiçoando, sendo as atividades bélicas obrigatórias feitas tardiamente quando comparadas com os espartanos.

Para os Espartanos educar os seus cidadãos para a prontidão e o combate era uma exigência histórica, imposta pela condição de ocupantes de uma terra que não herdaram, mas invadiram e dominaram e que, seus habitantes originais incessantemente tentavam reaver.

A educação dos futuros soldados começava aos sete anos de idade, quando os meninos passavam a ficar sob a responsabilidade do paidonomos, um adulto experiente escolhido pela comunidade com autoridade para eleger um grupo de jovens para punir os “meninos-soldados” quando fosse necessário e ordenado por ele (ALMEDA, 2012).

Os espartanos eram uma das cidades-estado gregas mais militarizadas, e isso se deve em parte à sua localização geográfica. A região de Lacônia, onde Esparta se situava, era cercada por montanhas e apresentava poucas áreas férteis, o que limitava a capacidade da cidade-estado de produzir alimentos suficientes para sustentar sua população.

Como resultado, os espartanos conquistaram outras regiões vizinhas, e para isso, era necessário um exército forte e altamente treinado. Dessa forma, a educação espartana era orientada para a formação de soldados e líderes militares altamente eficientes, que estariam prontos para defender e expandir o território de Esparta.

Em outras civilizações podemos encontrar diferentes formas de utilização das lutas, na Índia e na China, surgiram movimentos de luta baseados em animais, em sua expressão enquanto ser vivente num ambiente de sua natureza.

Estudados por homens, os movimentos de vários animais ganham intuitos de defesa, ataque e esquiva. Em Roma, os gladiadores, já faziam o uso de técnicas de luta a dois, havendo combates até mesmo com grandes animais, os gladiadores

nada mais eram do que escravos que eram postos para guerrear até a morte, ou não, a fim de entretenimento.

A luta aparece conjuntamente com a criação das primeiras sociedades, contudo sua evolução é heterogênea e aconteceu em diferentes épocas/lugares, de acordo com as condições de vida dos grupos humanos. As lutas fazem parte dos conflitos existentes nas organizações da sociedade, e pode ser entendido dentro do jogo do processo civilizatório.

Até aqui pôde-se ver seu papel na história, seguindo e pulando na linha do tempo, chega-se à contemporaneidade, várias evoluções aconteceram e estão acontecendo ao redor no mundo, e não seria diferente para os métodos de guerra, as lutas corporais perderam seu protagonismo nas guerras, dando espaço para outras armas bélicas, como por exemplo a arma de fogo.

Em alguns países a luta corporal faz parte das estratégias bélicas, mas seu lugar de maior prestígio atualmente é no plano de tradições, entretenimento e qualidade de vida. A luta corporal no século XXI é vista como fenômeno, e pode-se dividir em luta, arte marcial e modalidade esportiva de combate (MEC).

5 LUTAS, ARTE MARCIAL E MODALIDADE ESPORTIVA DE COMBATE

As Lutas, objeto de estudo desta investigação, é conteúdo proposto nas aulas de Educação Física escolar (EFE), desde a década de 90, através dos PCN (Brasil, 1997, p. 34), reconhecendo-a como ferramenta pedagógica extremamente valiosa e versátil no processo educativo. Os PCN's relacionam às lutas e artes marciais na Educação Física ao desenvolvimento das capacidades físicas; da utilização das habilidades motoras; respeito às regras e colegas; expressão de opiniões pessoais quanto a atitudes e estratégias, apreciação de esportes e lutas considerando alguns aspectos técnicos, táticos e estéticos. Mas, antes de aclamar as lutas dentro da educação física, é importante saber o que significa cada termo envolto nesse fenômeno, fazendo as seguintes perguntas: As terminologias lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate são sinônimos e referem-se às mesmas manifestações corporais? Ou seriam diferentes terminologias, cada uma com um conceito próprio?

Para responder a essas perguntas serão citados alguns autores que conceituam esses três termos, para iniciar temos Correia (2010) dizendo que a “luta”

possui um investimento diversificado de representações e significados, o que lhe confere uma dimensão “polissêmica”. O mesmo acrescenta que o termo “luta” é circunscrito por intenções de subjugações entre os sujeitos a partir de conflitos interpessoais e, algumas vezes, por conteúdos humanos contraditórios e ambivalentes. Quando se fala de arte marcial, o termo configura o contexto das práticas corporais que derivam de técnicas de guerra. A dimensão ética e estética é destacada, identificada pela própria nomenclatura de “arte”, identificada como demanda expressiva, inventiva, imaginária, lúdica e criativa (CORREIA e FRANCHINI, 2010). Correia e Franchini (2010) também definem a modalidade esportiva de combate ou esporte de combate, neste termo eles escrevem que é uma configuração das lutas e das artes marciais sistematizadas em manifestações culturais modernas, orientadas por instituições desportivas. Em comum, as lutas e as artes marciais, as modalidades esportivas de combate possuem um universo amplo de manifestações antropológicas, que em sua natureza são complexas e multidimensionais.

Ampliando esse debate sobre a conceituação dos termos, Lorenzo (2010) afirma que as lutas são práticas que possuem embates corporais, enquanto que as artes marciais tem como significado método de guerra ou conjuntos de preceitos que um guerreiro deve ter e fazer uso. Este afirma ainda que há nas artes marciais uma filosofia baseada em preceitos éticos, estéticos e morais e quase sempre foram utilizadas como legítima defesa, enquanto na luta, o que importa é o ato de atacar. Essas falas sobre as artes marciais são arriscadas e podem ser refutadas, pois se foram utilizadas na guerra como que elas baseiam-se simplesmente na defesa? Esperar o inimigo atacar para, somente então, defender-se dos ataques é curioso a não ser que alguma estratégia de contra ataque envolvida, esperar o ataque para atacar é realmente defender?

Outro ponto destacado na escrita de Lorenzo (2010) é a fala de Correia (2009) que alega não ser possível generalizar a ponto de garantir que todas as inúmeras artes marciais possuem preceitos filosóficos. O autor indaga sobre o que caracterizaria um “sistema filosófico” para as artes marciais e ainda questiona se, caso uma arte marcial não tivesse filosofia, ela deveria ser depreciada ou não. Para fechar as considerações de Lorenzo (2010) nesse trabalho se adiciona o seguinte dizer do autor “toda arte marcial contém uma luta, mas nem toda luta é uma arte marcial”, ele compreende que o conceito de luta é uma parte daquilo que representa

as artes marciais, sendo estas entendidas como algo mais amplo que envolvem, entre outras coisas (como meditação, caligrafica, etc.), o lutar.

Adicionando outro trabalho a este texto a autora Turelli (2008) discorre que a arte marcial é um conjunto de ações que compreende técnicas de luta que requerem abundante treinamento para sua incorporação e, ao mesmo tempo, é também o caminho do guerreiro, composto por atitudes específicas, dentre as quais a mais elevada consiste em vencer a si mesmo.

Já Lee (2005) o significado do termo “arte marcial” é limitado à questão das habilidades, técnicas e movimentos existentes nessas práticas.

Se percebe também em alguns trabalhos que os autores entendem as lutas e as artes marciais como sinônimos, a seguir uma lista de autores que pensam assim: Fett (2009), Trusz (2007), Cazetto (2009) e Gracie (2003). Este último acrescenta que as lutas trazem também a cultura do seu país de origem.

Ainda segundo Cazetto (2009), o termo “lutas” refere-se às práticas ocidentais, ao combate em si e à evolução da prática, enquanto que artes marciais referem-se às práticas mais ligadas ao oriente e não são necessariamente ligadas ao combate, além de ressaltarem a importância da historicidade dos conteúdos. Esta divisão de termos de acordo com ocidente e oriente, lutas e artes marciais, respectivamente, é uma forma de distinguir estes dois termos, Mas, há a existência de um problema que deve ser evidenciado aqui: se a palavra “artes marciais” é originária da palavra Marte e na língua portuguesa se lê “arte da guerra” que, com o conhecimento mitológico é possível identificar marte como deus da Guerra romano, inicialmente tido como ares na mitologia grega, como que ela pode referir-se às práticas orientais? Afinal, tanto Grécia quanto Roma, berço dessa terminologia, pertencem ao lado ocidental do mundo, não estando localizadas no oriente.

A autora relata ainda que as lutas tornaram-se parte importante do processo de esportivização das artes marciais (TURELLI, 2008). Dessa forma, ela compreende a terminologia das lutas da mesma forma que Correia e Franchini (2010) compreendem o termo modalidades esportivas de combate.

A seguir algumas considerações na perspectiva de Rufino e Darido.

Talvez não seja possível encontrar consensos em relação às definições de cada uma das terminologias porque, provavelmente, não é possível definir o que são lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate. Elas são um fenômeno tão dinâmico, tão múltiplo e tão plural que defini-las seria, em parte, uma forma de limitar o entendimento (RUFINO,2011).

Ainda na tentativa de discutir os conceitos e o que significa cada termo, as lutas Karatê e Judô terão aqui suas formas como arte marcial e modalidade esportiva expressas. No estudo de Terluk (2021), há uma busca nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e Periódicos da CAPES no período entre 2010 e 2020, buscando metodologias e estratégias pedagógicas para o ensino das lutas, artes marciais e esportes de combate, Observou-se que dos 19 estudos, dentre as lutas em geral, as modalidades de Judô (6) e do Karatê-Do (5) foram as mais frequentes. Jacomin (2013) em sua revisão sistemática da literatura brasileira, observou que dentre os 24 trabalhos científicos utilizados na revisão entre os anos de 1998 e 2013, houve maior número de estudos com Judô quando comparados as outras modalidades: Judô: 58,7%, Capoeira: 8,3%, Karatê: 16,6%, Karatê/Jiu-Jitsu: 4,1%, Kung-Fu: 4,1%, jiu-jitsu: 4,1% e Taekwondo: 4,1%. Por esses fatos que foi escolhido essas duas lutas para prosseguimento da discussão, a começar pelo karatê.

O karate está entre as artes marciais orientais mais praticadas e popularizadas no mundo no tempo presente. Suas técnicas utilizam prioritariamente as mãos e os pés, podendo haver também técnicas com cotovelos, antebraços, joelhos e canelas como armas de ataque e defesa. O karatê é uma arte marcial japonesa que se originou na ilha de Okinawa, muitos relatos que envolvem a história do karate baseiam-se em lendas e mitos, gerando dificuldade de precisar sua origem, pois a luta se desenvolveu de forma clandestina tendo em vista a proibição do uso de armas pelos poderes em vigor. Portanto, os treinos eram secretos uma vez que proibidos. A luta foi criada como um método de defesa pessoal pelos habitantes locais, que eram proibidos de portar armas durante o domínio do clã Satsuma sobre a região. O karatê se desenvolveu a partir das técnicas de luta tradicionais de Okinawa, que foram influenciadas por outras artes japonesas asiáticas, como o kung fu chinês e o muay thai tailandês.

Segundo Moreira (2003) em 520 o monge budista Bodhidharma, também conhecido como Daruma, viajou da Índia para a China para ensinar o budismo no templo Shaolin. O templo ficava na floresta e os monges precisavam defender-se dos animais e de assaltantes. Assim sendo, criaram técnicas de autodefesa baseadas no próprio movimento dos animais e nas forças da natureza. De acordo com as lendas, alguns dos monges de Shaolin conseguiram chegar na ilha de

Okinawa, no Japão, onde foram adaptados como técnicas de luta ensinadas por Bodhidharma para desenvolver o karatê. Embora essa história não seja comprovada historicamente, é certo que a influência do budismo, do Kenpo e/ou kung fu chinês sobre o karatê é inegável.

Pela influência de Daruma na criação do Kenpo e kung fu, artes marciais que seriam a base para a criação do karate, pode-se observar que o karate possui em sua essência valores que o difere de uma simples forma de combate. Há também uma busca no desenvolvimento do caráter do praticante e não apenas do seu condicionamento físico. A disciplina, o treinamento rigoroso e a busca pela perfeição técnica e moral, refletem a influência do budismo zen, que valoriza a auto-reflexão e a meditação como meio para alcançar a iluminação espiritual. Portanto, embora a história da influência de Bodhidharma sobre o karatê seja cercada de lendas e mitos, é inegável que a cultura e as artes marciais chinesas tiveram um papel importante no desenvolvimento do karatê japonês.

Dando um salto temporal, a prática do karate tornou-se pública a partir da Era Meiji, e Gichin Funakoshi é muitas vezes citado como o pai do karate moderno, responsável pela introdução do karate no Japão e no mundo. Porém é preciso cautela ao defini-lo como único responsável pela expansão do karate pelo mundo. Pode-se citar outros principais responsáveis pela divulgação do karate fora da ilha de Okinawa: Chokki Motobu, Chojun Miyagi, Kenwa Mabuni e Kanbun Uechi, todos de certa forma relacionaram-se com Funakoshi em Okinawa, sendo que alguns até treinaram juntos Naha-te (mãos de Naha) ou Shuri-te (mãos de shuri). Mas de fato, o trabalho de Funakoshi foi fundamental para a expansão do karate pelo mundo moderno.

Nascido em Shuri durante a Era Meiji, Gichin Funakoshi foi professor da rede de ensino de Okinawa e considerava o karate uma forma de aperfeiçoamento da personalidade do praticante. Ele foi o principal responsável por estabelecer a Arte Marcial de Okinawa como o caminho das mãos vazias (karate-do), alterando os ideogramas que antes significavam “mãos chinesas” para “mãos vazias” e adicionando o ideograma “do”, que representa “o caminho”. Ademais, o criador do Karate moderno nos declara que a oportunidade de manifestar sua discordância com relação à maneira de escrever tradicional surgiu quando a Universidade Keio constituiu um grupo de pesquisa sobre Karate e ele pode sugerir que a arte recebesse o nome de Daí Nippon Kempo Karate-dô – “Grande Caminho Japonês do Método de Punho e das Mãos Vazias” (MARTINS, 2010, p.642).

Dando prosseguimento, antes do karatê se tornar modalidade esportiva essa luta passa por uma mudança, os treinos que antes visavam às lutas, formas de resistência aos processos de dominação e guerras, passam a objetivar também, e sobretudo o aperfeiçoamento moral e espiritual do praticante. A luta passa a ser consigo mesmo para poder chegar ao “vazio”. O karate agora faz parte do budô, filosofia das artes japonesas que possuem o caminho marcial como via de ascese e educação.

Através do treino das técnicas se cultivaria corpo, mente e espírito para o autodesenvolvimento. Nesta nova configuração sua prática foi aberta para toda a população não sendo mais exclusividade dos samurais. Por essas razões, muitas técnicas foram adaptadas e algumas eliminadas. Pois, não deveriam ser mais, técnicas que visavam a eliminação do inimigo, mas caminhos educacionais e esportivos para o aperfeiçoamento humano que estavam ao alcance do cidadão comum. Além de especificar um nome para a Arte Marcial de Okinawa, Funakoshi – educador de profissão – preocupou-se em modificar e adequar o ensino do karate de modo a que este pudesse vir a ser incluído na educação física universal inserida nas escolas públicas da época (MARTINS, 2010, p.643).

O karatê também ganha uma vestimenta específica chamada de kimono, assim como faixas que servem como forma de diferenciar as graduações com o intuito de manter uma hierarquia. Os novos alunos iniciam a prática do karate portando a faixa-branca e então com seu desenvolvimento técnico vão trocando de faixa até chegarem à faixa-preta, ao chegar na preta ainda há os graus (dan) que vão do 1º ao 10º. As aulas de karatê passam a ser ministradas em espaços próprios, os dojôs e a clandestinidade do karate chega ao fim. Demonstrações de karate tornam-se comuns em Okinawa e no Japão. Em 1917, Funakoshi recebe convite para dar uma demonstração do karate no Butoku-den, o grande pavilhão de Artes Marciais de Kyoto, e essa foi a primeira demonstração de karate fora de Okinawa que foi patrocinada oficialmente. Nas décadas de 20 e 30, há uma grande demanda de mestres okinawanos para ensinar o karate nas universidades japonesas, impulsionando a expansão da Arte Marcial neste novo formato. Surgem as primeiras associações e clubes para se estudar o karate e unificar a prática do mesmo como a Japan Karate Association (JKA).

Após a II Guerra Mundial, o karate começa a se expandir pelo mundo. Com a propagação do karate, surgiram os campeonatos e com o tempo um conflito de gerações entre Funakoshi e seu filho, que também era instrutor de karate. Os

praticantes de karate passaram a treinar apenas para competições, deixando o treinamento com princípios do budô:

Nas aulas de Funakoshi pai a ênfase estava no treino dos kata, visando o pleno desenvolvimento de todos os músculos e reflexos. O treino de luta era baseado na premissa de que um único golpe devia decidir tudo. [...] Funakoshi pai permitia alguns treinos livres de luta, mas só depois que os fundamentos do karate fossem completamente compreendidos. Nas aulas de Funakoshi filho, por outro lado, as posturas eram mais fluidas e direitas para facilitar a velocidade de ataque, e os pontapés de extensão total eram freqüentemente utilizados – elementos valiosos para a contagem de pontos nas competições livres. [...] as coisas já não eram mais as mesmas. Depois da guerra, Funakoshi pai admitiu que tonou-se dolorosamente consciente do quase irreconhecível estado espiritual do karate nos dias de hoje. Então, continuou a enfatizar o treino de kata e a ética do karate, mas suas aulas eram pouco freqüentadas [...]. Os jovens praticantes estavam interessados em competição, em marcar pontos, em movimentos rápidos (STEVENS, 2007, p.80-3).

O karatê arte marcial tem como foco principal a defesa pessoal e o desenvolvimento pessoal e espiritual dos praticantes, o karatê esportivo tem como objetivo principal a competição e o entretenimento. Embora ambos os estilos de karatê compartilhem algumas técnicas e princípios básicos, existem diferenças entre eles. O karatê arte marcial enfatiza o desenvolvimento de habilidades como a autodefesa, a autodisciplina, o autocontrole e a autoconfiança. O treinamento é intenso e requer dedicação e disciplina por parte dos praticantes. A prática inclui o estudo de técnicas de luta e de movimentos básicos, bem como o desenvolvimento de habilidades como a força física, a flexibilidade e a resistência. Além disso, a prática do karatê arte marcial é concomitante de uma filosofia que enfatiza a busca pela perfeição técnica e moral, a importância do respeito pelos mestres e pelos companheiros de treino, e a valorização da humildade e da modéstia. Por outro lado, o karatê esportivo tem como foco principal a competição e o entretenimento. As competições são realizadas em categorias de peso e idade, e os praticantes são avaliados com base em sua habilidade em executar movimentos de ataque e defesa. O objetivo é pontuar mais do que o adversário, seguindo as regras protegidas pela federação internacional de karatê. Embora o treinamento incluía muitas das técnicas e habilidades ensinadas no karatê arte marcial, a ênfase é colocada na preparação para a competição, em vez do desenvolvimento pessoal. Assim, enquanto o karatê arte marcial é focado no desenvolvimento pessoal e espiritual dos praticantes, o karatê esportivo é focado na competição e no entretenimento. Embora ambos os estilos de karatê compartilhem algumas técnicas

e princípios básicos, as diferenças entre eles refletem diferentes objetivos e prioridades.

Sobre o Judô, esta arte marcial japonesa foi desenvolvida no final do século XIX por um homem chamado Jigoro Kano. Sua criação foi influenciada por outra arte marcial tradicional japonesa, o jiu-jitsu, que Kano estudou em sua juventude. Kano nasceu em 1860 em uma família de samurais em Tóquio. Ele começou a estudar jiu-jitsu quando ainda era adolescente, mas rapidamente percebeu que as técnicas eram violentas e perigosas, então ele decidiu criar um novo estilo de luta, com o objetivo de ser mais seguro e que pudesse ser praticado por pessoas de todas as idades e habilidades físicas. Kano começou a desenvolver sua própria técnica de luta, que ele chamou de judô, a partir de elementos do jiu-jitsu e de outras artes marciais. O judô enfatiza a técnica e a habilidade em vez da força bruta, e se concentra em jogar o adversário no chão e imobilizá-lo com chaves e estrangulamentos. Kano também incorporou os valores do Budô em sua criação do Judô, enfatizando a importância da disciplina, da honra, da humildade e do respeito mútuo. Budô é uma filosofia de vida que se concentra no desenvolvimento do caráter e da mente através da prática das artes marciais.

A criação e a prática do judô em sua origem remete ao lado religioso, muito disso por o próprio criador já estar inserido no meio de samurais que levavam a vida segundo o budô. Nos dias atuais não necessariamente o praticante de judô foca na questão filosófica, sendo muitas vezes praticado com foco no lado esportivo.

Ao olharmos para algumas lutas como o judô, a partir dessa concepção de esporte moderno, notamos que essas práticas a priori vinculadas a determinado padrão filosófico e religioso, hoje assumem características esportivas que transformam a maneira de entendê-la (GONÇALVES,2012).

A desvinculação dessa prática do seu caráter místico, ritual e religioso, é notável atualmente, perdendo espaço para a quantificação de resultados, criação de medidas como o recorde e a especialização dos papéis desenvolvidos pelos atletas, grande parte dos seus praticantes valorizam um judô competitivo, institucionalizado e reconhecido enquanto modalidade esportiva. Praticar judô envolve uma série de fatores que estão além das orientações filosóficas das lutas. O judô é considerado uma modalidade esportiva que depende de uma estrutura e de materiais adequados; locais que viabilizem e direcionem o foco da prática para a participação

de competições padronizadas são estratégias de atração utilizados por várias equipes.

Então, já que tanto o karatê quanto o judô se tornam além de uma arte marcial um esporte de combate ou modalidade esportiva de combate, o que significaria isso? Sobre explicar com propriedade o esporte de combate é anseio inigualável, espera-se obras que delimitem os três termos, contudo, por enquanto, compreendesse segundo Elias (1992), que o esporte é reflexo de uma ruptura dos jogos e dos passatempos populares praticados na Inglaterra, entre os séculos XVII e XVIII. O esporte surge em meio a um processo civilizador possibilitado por uma nova configuração da sociedade européia.

As lutas, enquanto tradição inventada, se modificaram para se manterem na atualidade, seja reforçando um passado vinculado ao oriente ou assumindo um modelo esportivo moderno. É necessário compreender quais são as modificações que ocorrem com as lutas, nesse sentido já existem avaliações da mudança das artes marciais para esporte de combate, existindo um espécie de dualidade como os exemplos do karatê e judô, é necessário principalmente conceituar os termos lutas, artes marciais e esportes de combate de forma sólida na academia, pois as conceituações atualmente tem divergências.

A definição ocupa um lugar central em todas as ciências. O ato de definir é essencial, por exemplo, ao estabelecimento de relações entre coisas e ideias (Foucault, 1999). Cada campo científico é organizado por uma estrutura de conceitos referentes aos processos e objetos mais importantes a serem estudados. Esses conceitos, por sua vez, são mencionados e transmitidos sob a forma de termos, formando um vocabulário dinâmico e especializado da área.

Por conseguinte, a principal tarefa em qualquer ciência é desenvolver um sistema de classificação, uma estrutura de conceitos, um conjunto cada vez mais preciso de definições para esses termos (Goode, 1979, p.14). Por outro lado, conceitos podem criar problemas comunicativos quando um mesmo termo é utilizado simultaneamente por quadros de referência distintos (Matitz, 2012).

Conceituar termos é fundamental em diversos campos do conhecimento. Através da definição clara e precisa de termos, é possível estabelecer uma comunicação efetiva entre as pessoas, além de evitar ambiguidades e mal-entendidos. Na filosofia, a conceituação é essencial para a reflexão crítica e a construção de teorias e argumentos. Sem conceitos claros e bem definidos, a

discussão filosófica pode se tornar confusa e incoerente, dificultando o avanço do pensamento e da compreensão.

Em resumo, a importância de conceituar os termos está ligada à possibilidade de estabelecer comunicação clara e objetiva, desenvolver teorias e argumentos sólidos e avançar o conhecimento científico. Sem uma definição clara e precisa dos termos, o entendimento e o progresso em diversas áreas do conhecimento seriam prejudicados.

Sendo assim reitera-se aqui a importância dos debates e diálogos sobre os conceitos, com o sentido de avanço e solidez do conhecimento tratado. No intuito de dar continuidade nas discussões deste trabalho Rufino (2009) traz abaixo um ponto sobre conceito e o tema do próximo debate.

Mais relevante ainda não é a discussão sobre qual terminologia está mais correta ou deve ser empregada em relação à outra e sim discutir sobre a inserção desses conteúdos, [lutas, artes marciais, modalidades esportivas de combate, etc.], que fazem parte da cultura corporal, nas aulas de Educação Física (RUFINO, 2009).

6 CONTEÚDO LUTA NA ESCOLA

O conteúdo de lutas na Educação Física escolar brasileira apareceu pela primeira vez no Parâmetro Curricular Nacional (PCN) de Educação Física, lançado em 1998 pelo Ministério da Educação e do Desporto. O documento apresentou as lutas como uma das possibilidades de conteúdo para o ensino da Educação Física na escola, com o objetivo de desenvolver a cultura corporal e aperfeiçoar as habilidades motoras e socioafetivas dos alunos. O PCN de Educação Física estabeleceu ainda as orientações para a prática pedagógica da Educação Física escolar no Brasil, definindo os objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação para cada uma das etapas da Educação Básica.

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplo de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê (BRASIL, 1998, p.37).

Vários documentos estabelecem que a Educação Física Escolar (EFE) deve oferecer aos alunos a possibilidade de acessar diferentes práticas corporais, incluindo as lutas, de forma a desenvolver conhecimentos sobre os acúmulos da espécie humana durante sua história. Embora haja textos de diversos tipos sobre a relação luta e EFE, a inserção das lutas na escola ainda gera debates e questionamentos em relação à sua adequação pedagógica e à possibilidade de ferimentos ou agressões entre os alunos durante as atividades. Por isso, é importante que o tema seja abordado com cuidado e planejamento, de forma a garantir a segurança e o aprendizado dos estudantes.

Nascimento (2007) afirma que o tema/conteúdo de lutas é pouco acessado e, inclusive, o seu trato pedagógico suscita questionamentos e preocupações diversas por parte dos profissionais atuantes na Educação Física.

Entre outros argumentos restritivos verificados, destacase, basicamente, dois dos mais recorrentes nas respostas obtidas: 1) a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos professores, tanto no cotidiano de vida, como no âmbito acadêmico; 2) a preocupação com o fator violência, que julgam ser intrínseco às práticas de luta, o que incompatibiliza a possibilidade de abordagem deste conteúdo na escola (NASCIMENTO, 2007, p. 93).

Pegando o primeiro ponto da citação acima, é importante destacar a frequente crítica sobre a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos professores de Educação Física, tanto no cotidiano de vida, como no âmbito acadêmico. Essa falta de vivência em lutas é apontada por alguns como um entrave para o ensino desse conteúdo. Contudo, é importante destacar também que a vivência pessoal em lutas não é uma condição para que um professor de Educação Física possa ensinar esse conteúdo na escola. É claro que a experiência prática pode trazer alguns benefícios para o docente, como uma maior segurança na condução das aulas e uma melhor compreensão das técnicas e regras das lutas. No entanto, isso não significa que um professor sem vivência pessoal em lutas não possa ensinar essa prática corporal com competência e eficácia. Primeiramente, é importante lembrar que a formação acadêmica dos professores de Educação Física inclui o estudo dos fundamentos teóricos e práticos das diversas modalidades esportivas, incluindo as lutas. Rufino e Darido (2013) reforçam que um dos maiores problemas da inserção deste conteúdo na Educação Física escolar, é que para os professores, desenvolver lutas como atividade nas escolas, os mesmos, devem ter

alguma experiência extracurricular ou praticar alguma modalidade de luta e apontam que não é por esse lado que deve ser trabalhado já que a formação do professor em sua maioria capacita para que uma boa iniciação seja feita pelos mesmos. Assim, é que faz-se necessário uma formação que permita aos professores conhecimentos suficientes para desenvolver com o conteúdo a ser ensinado. Dessa forma, mesmo sem ter vivenciado pessoalmente as lutas, o docente possui conhecimento teórico sobre essa prática corporal e pode aplicá-lo em sua prática pedagógica. Contudo, infelizmente em alguns estudos encontra-se que não é toda graduação que tem o componente curricular luta.

Hegele (2018) encontra resultados divergentes quanto a presença do componente curricular lutas nos currículos das formações iniciais dos participantes de sua pesquisa, estes entendem que seria essencial como subsídio primordial para explorar essa temática em suas aulas. Há outros estudos, que relatam que os professores apontam não abordar o conteúdo luta na Educação Física Escolar por sua formação inicial não contemplar este conteúdo. Sendo assim, há a presença de discursos por parte dos professores atribuindo o não trabalho do conteúdo luta tanto por não ter tido acesso em sua graduação, quanto por sentir que precisa ter experiências pessoais com a luta para além do que foi realizado na graduação.

Por isso é importante lembrar, o professor de Educação Física também pode desenvolver competências necessárias para o ensino das lutas por meio de capacitações e cursos de formação continuada, que são oferecidos por diversas instituições. Essas capacitações podem incluir vivências práticas em lutas, que permitem ao docente compreender melhor os movimentos e técnicas envolvidos, bem como as regras e os princípios éticos que norteiam essa prática corporal. Essa constatação não significa dizer que está tudo bem na graduação a matriz curricular por a luta como disciplina optativa, e sim mostrar outras respostas para o discurso justificativo do não trabalho do conteúdo por parte dos professores nas escolas. Então, concorda-se que a ausência desse componente curricular na formação inicial pode ser um fator restritivo na prática pedagógica do professor e conseqüentemente, um fator limitante na utilização das lutas como unidade temática nas aulas de Educação Física Escolar. Faz-se necessário uma formação que permita aos professores conhecimentos suficientes para desenvolver o conteúdo a ser ensinado. Em inúmeras ocasiões os cursos de graduação revelaram formações insuficientes em relação a estas práticas, ora restringindo o ensino a apenas uma ou

duas modalidades, ora nem sequer havendo a presença destes conteúdos como disciplina obrigatória a ser cursada nos cursos de formação inicial, fato que impossibilita a presença dessa temática na escola, uma vez que pode restringir as intervenções profissionais dos professores de Educação Física como já citado acima.

Outro ponto importante é que o ensino das lutas na escola não se restringe apenas ao aprendizado das técnicas e regras da modalidade, mas também tem como objetivo o desenvolvimento de habilidades motoras, sócio afetivas e cognitivas dos alunos. Nesse sentido, o professor de Educação Física pode utilizar metodologias pedagógicas que valorizem a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento, por meio de jogos, simulações e atividades que promovam a reflexão crítica sobre as lutas e sua relação com a sociedade. A partir do discurso apontado aqui, parece haver um foco e ao mesmo tempo medo no plano procedimental, havendo também outras dimensões que merecem destaque tanto quanto o procedimental.

Segundo Darido (2001), nas aulas de Educação Física, tem-se dado prioridade ao plano procedimental (emprego de técnicas e fundamentos), enquanto tem-se deixado de lado o atitudinal (valores nas e para as práticas), bem como o conceitual (entendimento do porquê realizar este ou aquele movimento). Em suma, a falta de vivência pessoal em lutas por parte dos professores de Educação Física não deve ser vista como um obstáculo intransponível para o ensino dessa prática corporal na escola. Embora a vivência pessoal possa trazer alguns benefícios para o docente, é possível que o professor adquira competências necessárias para o ensino das lutas por meio de sua formação acadêmica, capacitações e cursos de formação continuada.

Empregar-se de mais de uma forma de ensinar as lutas, amplia a visão sobre o ponto em questão. As aulas de Educação Física devem contemplar as lutas, tratar dessa temática nas aulas é necessário, mas também se faz imprescindível saber que lutas são estas e como serão ensinadas, quais modalidades e, seguramente o que são, e o porquê de serem ensinadas essas modalidades (CISNE, 2022, p.10).

Os PCN (1998) estabelecem a abordagem das lutas no ensino fundamental ao ensino médio, solicitam que seja abordado os conceitos histórico-sociais das lutas, conceituar sobre o ato de lutar com algumas indagações (“como, porquê, com quem, contra quem”), com isso propõe ao(à) professor(a) direcionamento para

elaborar suas aulas, de forma que possa construir com os(as) alunos(as) caminho para uma comunicação ativa entre discente-docente a respeito do processo de aprendizagem, assim como também familiarizar os(as) alunos(as) com a prática de lutas e colaborar com desenvolvimento das habilidades motoras. É importante destacar que fazer perguntas que estimulem a reflexão crítica tanto do professor para que caminho seguir, quanto para o discente como uma estratégia pedagógica eficaz em diversas áreas do conhecimento, não apenas na educação física. Ao incentivar o diálogo e a participação ativa dos alunos, o professor contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem mais democrático e participativo, capaz de favorecer o desenvolvimento integral dos estudantes.

Ainda analisando o conteúdo luta na escola, e dando foco ao docente, a partir de outros trabalhos se fará a análise por meio de questionamentos a aqueles que estão na linha de frente da educação básica. A começar pelo ofertar ou não o conteúdo, segundo Ferreira (2006) dos 50 professores questionados por ele, 16 (32%) afirmaram que utilizavam as práticas das lutas em suas aulas e 34 (68%) relataram que jamais recorreram às aulas com estes conteúdos. Já Venson (2014) ao perguntar a 20 professores se eles utilizavam as lutas em suas aulas de Educação Física, apareceram 15 respostas positivas quanto ao ensino desse conteúdo. E mais recentemente no estudo de Cisne (2022) dentre os 6 professores que participaram, ao serem questionados se já utilizaram ou utilizam o conteúdo de lutas em suas aulas de Educação Física Escolar, todos responderam com um “sim”.

Ainda analisando esses três trabalhos, segundo Ferreira (2006), os que ofereceram respostas positivas (16 professores - 32%) reforçaram que ministravam estas aulas: com vídeo (oito - 50%), com ajuda de especialistas (cinco - 31,25%), através de práticas recreativas (dois - 12,5%) e com aula de campo (um - 6,25%). Segundo Venson (2014), dos que responderam de forma positiva 45% dos professores usam a luta de forma recreativa ou lúdica, 15% através de vídeo e 15% através de aulas de campo. Por fim, Cisne (2022) diz que em relação ao desenvolvimento de atividades através de práticas recreativas e lúdicas todos os profissionais afirmaram fazer uso dessas possibilidades em suas aulas. Em referência ao auxílio de especialistas, apenas 2 (dois) professores declararam ter solicitado esse suporte para o desdobramento de suas aulas, assim como 4 (quatro) profissionais citaram a contribuição de vídeos sobre a temática referida como subsídios relevantes para inclusão do tema nas aulas de Educação Física Escolar.

Ferreira (2006) mostra que quando perguntados se a prática da luta geraria violência: 12 (24%) responderam que sim; 22 (44%), que não; e 16 (32%) disseram que depende do professor. Também questionados se os alunos da educação física, ao praticarem lutas nas aulas, se tornariam mais agressivos: 12 (24%) responderam que sim; 25 (50%), que não; e 13 (26%) que talvez. Venson (2014) pergunta aos professores se eles consideram que a prática da luta gera violência, e obteve o seguinte resultado: 1 (5%) professor entrevistado, afirma que as lutas geram violências, 10 (50%) dos professores, entrevistados acham que as lutas não geram violência, pelo contrario, trabalham o que há de melhor nos alunos, mas enfatizam que, devem ser trabalhadas por um profissional qualificado, e 9 (45%) relatam que depende do professor, quando a mesma pergunta “Você acha que seus alunos se tornariam mais agressivos ao praticarem lutas?”, o resultado obtido foi que 70% dos professores afirmam que a luta não deixaria os alunos agressivo. Já 25% falam que depende a forma que o professor passa o conteúdo luta para os alunos, precisaria de um especialista ou capacitações para os professores. Cisne (2022) pergunta: “Você acha que seus alunos podem se tornar mais agressivos ao praticarem lutas na Educação Física Escolar?”, e tem como resposta 6 (100%) “sim”, o autor conclui que muitos desses profissionais possuem uma visão deturpada do que sejam as lutas, associando-as com violência e agressividade, atitude contrária à Educação Física e a própria filosofia das lutas.

Tem-se também outros pontos destes que trabalhos que são pertinentes a menção, como: O trabalho de Ferreira (2006), quando questionados se era possível trabalhar as lutas na educação infantil: 38 professores (76%) alegaram que não, que esta seria uma prática realizada por um especialista em uma academia própria, e os outros 12 professores (24%) disseram que era possível sim, ou com ajuda de especialista (10 - 83,33%), ou de forma lúdica (dois - 16,66%). E Cisne (2022) que pergunta “Em sua opinião, a temática lutas deve ser ministrada em qual etapa de ensino ofertado pela rede municipal de Fortaleza?”, e é respondida com 4 (quatro) menções ao ensino infantil, 5 (cinco) menções ao ensino fundamental 1º ao 5º ano e 4 (quatro) menções ao ensino fundamental 6º ao 9º ano.

Em suma, a luta é um fenômeno que, apesar de sua importância cultural e histórica e ser conteúdo de um documento nacional, ainda é vista por muitos como uma prática violenta e agressiva. No entanto, a abordagem das lutas no contexto escolar pode contribuir para uma educação física mais significativa e

contextualizada, capaz de promover a formação integral dos alunos. Para que isso ocorra, é fundamental que os professores primeiramente não neguem para os discentes o conteúdo, e que tenham uma abordagem pedagógica crítica e contextualizada. É necessário que eles compreendam que a prática das lutas não se limita apenas ao aspecto técnico, mas envolve também aspectos históricos, culturais, sociais e éticos. Nesse sentido, é importante que os professores estimulem a reflexão crítica dos alunos sobre as lutas, incentivando o diálogo e a participação ativa dos estudantes nas aulas. É fundamental conceituar segundo algumas indagações (“como, porquê, com quem, contra quem”), e compreender que as lutas podem ter diferentes finalidades e significados, dependendo do contexto cultural e social em que são praticadas. Além disso, é preciso que os professores tenham organizado em suas mentes as sugestões educacionais acerca do conhecimento, há uma boa mudança quando relaciona-se às investigações acadêmicas mais antigas com as mais recentes, sobre o trato do conteúdo. Por fim, é fundamental que os professores tenham uma formação pedagógica adequada, que não seja opcional a disciplina e que esta não seja o reflexo de uma modalidade específica. A inclusão da luta na educação física escolar, quando realizada de forma adequada, pode contribuir para uma formação integral dos alunos, estimulando o desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo, além de promover o respeito e a valorização da diversidade cultural.

7 VIOLÊNCIA E O CONTEÚDO LUTA NA ESCOLA

A violência é um fenômeno complexo e multifacetado que tem sido objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento, incluindo sociologia, psicologia, antropologia, direito e política, entre outras. A violência pode ser definida como o uso intencional da força física, psicológica, sexual, econômica ou estrutural, com o objetivo de causar dano, sofrimento, morte ou coerção a um indivíduo ou grupo. A violência pode ser perpetrada por indivíduos, grupos, instituições ou pelo próprio Estado, e pode manifestar-se em diferentes formas e graus de intensidade. A violência física é a forma mais visível e reconhecida de violência, envolvendo o uso direto da força física contra uma pessoa, como agressões físicas, tortura, homicídio, entre outras formas. A violência psicológica, por sua vez, envolve o uso de ameaças, intimidação, manipulação e controle emocional para exercer poder e

controle sobre uma pessoa. A violência sexual envolve qualquer forma de coerção sexual, incluindo estupro, assédio sexual, exploração sexual, entre outras formas. A violência econômica envolve o controle e a exploração financeira de uma pessoa ou grupo, como a exploração de mão de obra, a cobrança de dívidas abusivas, entre outras formas. Por fim, a violência estrutural envolve a manutenção de desigualdades e injustiças sociais por meio de políticas e práticas institucionais discriminatórias, como o racismo, a xenofobia, a homofobia, entre outras formas. A violência tem efeitos negativos profundos e duradouros na saúde física e mental das vítimas, bem como na sociedade como um todo. A violência pode levar a lesões físicas e traumas psicológicos, incluindo transtornos de estresse pós-traumático, depressão, ansiedade e outras doenças mentais. Além disso, a violência pode levar a ciclos de violência e retaliação, perpetuando a violência ao longo do tempo e gerando um clima de medo e insegurança na sociedade.

Assim, a violência é uma expressão essencialmente humana, de caráter histórico, que lhe concede a condição de ser universal e específica nas variadas formas de organização social, uma vez que sempre esteve presente nas diferentes sociedades, com a sua concretização em eventos específicos inerentemente ligados ao modo como os homens se organizam em sociedade (UENO, 2014, p.3).

Caminhando nesse sentido das definições dos termos, a autora ainda acrescenta que há diferença entre os termos violência e agressividade, para ela não se deve ser confundi-las, principalmente no âmbito das relações sociais, pois se pode incorrer no erro de se considerar a violência como um fato espontâneo e presumível do ser humano, isto é, um comportamento natural.

Já a agressividade é considerada como uma manifestação não racionalista dessa força, um ato natural no indivíduo quando sua sobrevivência está ameaçada. Assim, é praticada como defesa para conservar a vida ou integridade do ser, bem como para saciar suas necessidades vitais. Por isso, Freud afirma não existir instinto violento e sim um impulso agressivo, presente tanto nos homens como nos animais (UENO, 2014, p.2).

O homem na concepção freudiana é regido por dois tipos de pulsão: a pulsão de vida, que é representada pela sexualidade e é responsável pelas ligações, pelo desenvolvimento e pelo crescimento; e a pulsão de morte, podendo efetuar, de forma silenciosa, um trabalho destrutivo, e que tem sua origem numa necessidade de aliviar as tensões, a pressão que a natureza provoca nos seres. Nesse sentido, os atos de violência cometidos contra o outro são, na perspectiva freudiana, a

expressão mais pura da pulsão de morte. A agressividade é resultado da mistura das pulsões de vida ou sexuais com as pulsões de morte, uma vez que ela necessita de uma ligação com o outro, e indica uma tentativa de expulsão das pulsões de morte. E como forma de controle dessas pulsões o Superego, a instância que conforma o homem a se submeter à lei social por esta ter-se tornado uma lei internalizada por meio dos mecanismos de identificação.

O que se pode concluir é entendermos a agressividade como forma de o ser humano se auto preservar, defender-se e buscar a satisfação de suas necessidades, enquanto a violência advém de uma desorganização patológica dessa instância. No entanto, não se pode simplesmente afirmar que a violência seja algo apenas patológico, uma vez que a busca pela satisfação pessoal faz com que a moralidade seja dissolvida e princípios ético-morais sejam negligenciados. Assim, podemos atribuir a diversos fatores de ordem econômica, social, cultural e psicológica o advento e aumento da violência (JENO, 2014, p.2).

Acrescenta-se aqui a agressividade no esporte, esta é um fenômeno complexo e multifacetado que pode ter várias interpretações, dependendo do contexto em que ocorre. Algumas das principais interpretações da agressividade no esporte, como um componente positivo e necessário no esporte de alto desempenho. Nesta perspectiva, a agressividade é vista como um impulso competitivo saudável que motiva os atletas a darem o melhor de si e alcançarem seus objetivos. Também como um modo de um grupo ou indivíduo se comportar dentro das regras do esporte, como por exemplo um time que agride a meta e seu trabalho consiste nessa estratégia a priori, tornando-se característica daquele time, também chamado de ofensivo. A agressividade também pode ser vista como um componente negativo e prejudicial no esporte. Nesta perspectiva, a agressividade é vista como um comportamento violento que pode colocar em risco a segurança dos atletas e afetar negativamente o espírito esportivo. A agressividade pode ser vista como uma forma de comportamento antidesportivo que deve ser eliminado do esporte.

Algumas manifestações de lutas/artes-vias marciais passaram pelo processo de esportivização na modernidade, nesse sentido o esporte passa a ter a função de atenuar, ou mesmo de desviar as tensões sociais.

A agressividade ativa de origem social é transferida para ações esportivas, não acometendo as verdadeiras causas, e sim direcionadas ao agir agressivo nas competições esportivas. Essas práticas são, inevitavelmente, correlacionadas à violência. Isso não quer dizer que não haja outros

motivos que influenciem na desfiguração das lutas, que inicialmente estavam relacionadas com o desenvolvimento de técnicas de autoproteção e combates, tornando-se posteriormente uma forma de ascensão espiritual. Assim, o processo de esportivização das lutas/artes-vias marciais ocorre de acordo com as transformações da modernidade, com o avanço do capitalismo e a apropriação dessas práticas corporais pela indústria cultural (UENO, 2014, p.3).

Outro aspecto que deve ser inserido nessa discussão é a mídia, ela pode representar a violência de maneiras diversas, variando desde a glorificação da violência como uma forma de resolução de conflitos até a condenação da violência como um comportamento inaceitável. A representação da violência na mídia pode afetar a percepção do público em relação à violência e pode influenciar a forma como as pessoas entendem e respondem aos comportamentos violentos na sociedade, como a violência em competições esportivas ou a violência em contextos de rua. Dentre as lutas uma modalidade esportiva de combate que está regularmente sendo transmitido é artes marciais mistas (MMA), neste movimento surgiu o Ultimate Fighting Championship (UFC). As regras eram muito simples: com exceção de morder e de colocar o dedo no olho, tudo era permitido nos primeiros UFC - nome dado ao evento que apresenta diversas lutas na mesma noite. Não havia classificação de peso, rounds, tempo limite, júris nem pontuações; o único final possível era por nocaute ou submissão. Participavam atletas de diferentes modalidades como o boxe, karatê, luta livre, kickboxing, jiu-jitsu e muay thai, entre outras, que competiam para resolver uma questão que norteia a história das lutas: “Quem tem a melhor junção de força, resistência, técnica para ganhar e ser considerado o mais forte entre os fortes?”, mesmo com a ferocidade e crueldade do evento abundante em sangue houve a divulgação desses eventos. Devido às pressões financeira, política e social para que as lutas fossem mais civilizadas, passa-se a discutir sobre a necessidade de regras que preservem a integridade física do atleta, e claro para serem socialmente aceitas. Entre as novas regras, foi proibido dar cabeçadas, quebrar dedos, puxar cabelo e pôr o dedo na boca ou narina do oponente. Introduziu-se a classificação por peso e garantiu-se a intervenção do árbitro na luta mais rapidamente quando necessário, as câmeras deveriam afastar-se mais rapidamente quando houvesse um lutador seriamente ferido.

O MMA, apesar de possuir características de esporte - comparação de desempenhos, universalização das regras, instituição própria, entre outras

-, apresenta na sua prática mais violência que o jiu-jitsu e que outras modalidades de lutas esportivizadas. É nesse sentido que se questionam os níveis socialmente aceitáveis de violência na prática do MMA, como os praticantes compreendem esta violência e como os telespectadores percebem esta violência inerente aos combates (VASQUES, 2013, p.292).

Esse movimento dentro da história das artes marciais mistas lembra muito a história do pancrácio que é uma das práticas corporais que se tornou um “espetáculo” na antiga civilização grega. O pancrácio era uma prática de luta de extrema violência, a qual não possuía nenhuma regra, conseqüentemente nenhum tempo, o vencedor dava-se por quem resistisse, essa prática reunia um grande público para assistir aos combates selvagens entre os oponentes, no entanto devido ao elevado número de óbito dos praticantes alguns ajustes foram necessários, sendo assim criadas três regras na competição, proibindo inserir os dedos nos olhos, atacar a região genital, e morder, além de interferir na competição quando um dos atletas ficasse inconsciente e permitindo ao treinador e ao atleta sinalizar desistência. Foi nesse período também que surgiu um dos primeiros manuais de lutas, em que curiosamente apresenta o esmagamento dos testículos como a única técnica para a qual não havia possibilidade de defesa, logo as regras foram alteradas

Ao analisarmos o processo de esportivização do pancrácio nota-se que um dos objetivos de transformar a arte marcial em esporte é tornar essa prática uma forma de competição que possa ser apreciada, atenuando a violência e a agressividade, impondo limites e garantindo a segurança dos competidores (ALMEIDA, 2021, p.10).

A tolerância à violência, inclusive a simbólica, é influenciada por fatores de ordem histórica, sociocultural e individual. Essa atração se dá não somente pela produção de tensão decorrente do combate em si como nos esportes tradicionais, mas também pela tensão de quebrar normas de violência

Baseada na transgressão de normas, a excitação antinomial é produzida indo além dos limites normais: mostra nocautes dramáticos, “violência real” ou lutas entre lutadores muito diferentes. É baseada em vivenciar aquilo que é comumente proibido ou inacessível. Ao contrário da tensão nos esportes tradicionais, a tensão antinomial não exige conhecimento prévio nem identificação com um lutador específico ou com um estilo de luta. Ela não é a excitação do jogo, mas a excitação do extraordinário que é vivenciado quando regras básicas são quebradas, e todos ficam chocados (VASQUES, 2013, p.298).

É possível observar que indivíduos ou grupos que possuem proximidade com as modalidades de lutas e artes marciais tendem a perceber menos violência no

contexto das competições de MMA do que aqueles que estão distantes deste universo, visto que eles possuem um maior conhecimento acerca das peculiaridades das lutas e do próprio MMA.

Ocorre que a massificação do MMA faz com que as pessoas tenham mais "conhecimento sobre este universo", inclusive por próprio interesse midiático; e, por essa razão, possam ser cada vez mais tolerantes à violência simbólica do MMA. Essa forma de naturalização da violência, mesmo que cada vez mais simbólica, é alvo de críticas. Contudo, parece haver uma necessidade humana em saber quem é o mais forte entre os fortes, mesmo que simbolicamente (VASQUES, 2013, p.300).

A polarização esportivizada das artes marciais alguns pontos importantes que compõem a luta são ignorados como as influências filosóficas que regem a luta, além de serem modificadas ao gosto do mercado financeiro e passarem por influências de culturas diferentes, por vezes esquecendo ou colocando-se em segundo plano normas e valores éticos.

Algumas lutas/artes marciais tradicionalmente são acompanhadas de uma filosofia, em geral pautada por princípios de não agressão e respeito ao próximo, sendo esses princípios e a religiosidade presentes nessas práticas como elementos constituintes de um ideal de moralidade e de uma conduta autocontrolada. No entanto, ao analisarmos as percepções dos alunos sobre a relação agressividade e lutas, verificamos uma distorção nos conceitos que permeiam essas práticas (UENO, 2014, p.10).

Não com o intuito de retomar a discussão sobre arte marcial e modalidade esportiva de combate, mas para mostrar a realidade da modernização da sociedade e suas implicações dentro da luta corporal, sabe-se que os eventos esportivos na televisão, os filmes, desenhos animados, mangás, quadrinhos e outros, influenciam na percepção da sociedade sobre a luta corporal, incluindo crianças, adolescentes e jovens, a faixa etária que lembra a escola, ao conteúdo luta dentro da escola e os conhecimentos prévios dos alunos sobre o fenômeno.

Como dito anteriormente esse conteúdo faz parte da educação física escolar, e deve ser trabalhado nas aulas, por problemas já ditos nesse trabalho ocorreu desse conhecimento ser negligenciado, causando uma espécie de reforço positivo acerca da relação da violência com a luta equivocada, muito pela proliferação dos meios de comunicação. Ueno (2014) em seu estudo com estudantes do ensino médio perguntou "Para você, o que é luta?", e teve as seguintes respostas: "Luta é tipo assim, violência, dar porrada, bater forte, onde o mais forte sai ganhando", "Luta é um esporte violento e sem sentido" e "Eu entendo que a luta é um esporte violento

onde se machuca para ganhar. [...] não vejo a luta como um esporte normal, mas como um esporte onde se bate”. A importância da mídia é mostrada quando os alunos comentam: “Acredito que conhecemos as lutas marciais só por causa dos filmes americanos que relatam o Kung-fu, o Karatê etc” e “Quando falamos em luta, penso em filmes de ação e brigas”. Por isso negligenciar esse tema na escola nutrirá ideias errôneas, por isso o ambiente educacional precisa exercer sua função pedagógica de problematizar essa prática de forma crítica.

No contexto da educação física escolar é importante abordar as lutas em sua totalidade, como as lutas esportivizadas e as lutas enquanto práticas pertencentes a culturas diversas, desvinculada do caráter esportivizado, as quais possuem seus próprios significados e filosofias, dessa forma cabe ao(a) professor(a) apresentar aos(as) alunos(as) as diversas expressões das lutas, para que esses(as) sejam capazes de experienciar, compreender e estabelecer uma construção crítica (ALMEIDA, 2021, p.17).

Faz parte desse conteúdo tratar as lutas, as artes marciais e as modalidades esportivas de combate, ao tratarem desses conteúdos já se amplia os conhecimentos obtidos pelos meios de comunicação. Luta não se reduz a modalidade esportiva de combate, assim como também não se reduz a arte marcial.

Ao traçar uma aproximação entre os conceitos de “lutas” e “artes marciais”, tem-se que o primeiro pode ocorrer por implicações de submissão entre os sujeitos, seja por conflitos de interesses ou qualquer outra amarra contemplativa da humanidade, com isso percebe-se um conceito amplo que abarca diversas formas de combate corpo-a-corpo, já o segundo relaciona-se às técnicas corporais orientais combinadas aos princípios religiosofilosóficos de respeito às tradições culturais dos locais em que essas artes se desenvolveram, assim pode-se dizer que toda arte marcial é uma luta, mas nem toda luta é considerada uma arte marcial (CORREIA 2010, apud ALMEIDA, 2021, p. 8).

A problematização da violência também ajuda na adição do debate, o conceito de violência e agressividade junto a exemplos práticos revelam aos discentes que a violência não é exclusivamente física que é atrelada à luta corporal.

Ao deixar claro que violência é algo que vai muito além do aspecto físico, como é o caso da violência simbólica, houve muita confusão entre os estudantes e certo desconforto. À medida que aprofundávamos na discussão, os olhares dos alunos voltaram-se para as paredes da sala de aula, que estavam todas pichadas, as janelas quebradas. Enfim, perceberam que estavam expostos a uma situação de violência naquele momento (UENO, 2014, p.10).

A violência é real ou simbólica, isto é, se apresenta na forma de uma agressão física direta ou envolve simplesmente atitudes verbais e/ou atitudes não verbais. A violência real é aquela que se manifesta por meio de ações concretas,

físicas ou psicológicas, causando danos e prejuízos à integridade física ou psicológica de outras pessoas. Essa forma de violência é visível e imediata, podendo resultar em lesões corporais graves e, em casos extremos, até mesmo na morte. Já a violência simbólica se manifesta por meio de símbolos, palavras, gestos e outros elementos culturais que podem causar danos psicológicos e emocionais às pessoas. Ela pode ser percebida em diversas esferas da vida social, como na mídia, na política, na religião e na educação, e pode ser utilizada para reforçar preconceitos e estereótipos que perpetuam desigualdades e injustiças sociais. A violência simbólica pode ser difícil de ser identificada, pois ela não causa danos físicos imediatos, mas pode ter efeitos negativos na autoestima, autoconfiança e autoimagem das pessoas, além de contribuir para a reprodução de discursos e práticas discriminatórias. É importante destacar que a violência real e simbólica não são mutuamente exclusivas e, muitas vezes, estão interligadas.

No texto de Silva (2018) ele fala do conteúdo luta no combate à violência, discriminação e preconceito na escola mediado por histórias em quadrinhos, o seu estudo foi realizado no ensino fundamental. Num quadrinho o contexto era “robôs que dominavam a terra e faziam uso da violência contra os mutantes, neste ponto, foi-se perguntado por que os mutantes eram tratados daquela forma. Algumas disseram que os humanos os consideravam uma ameaça, enquanto outros complementaram dizendo que era porque os mutantes eram poderosos. O intuito era que as respostas trouxessem a palavra “diferente” para que esta pudesse ser explorada no debate, então, ele fez mais uma pergunta para suscitá-la: o que os mutantes eram em relação às demais pessoas? As crianças responderam “diferentes”, e, a partir desse ponto, avançou-se na problematização, relacionando as situações da ficção com a realidade vivenciada pelas próprias crianças, localizando a violência da discriminação como um fenômeno comum e ainda naturalizado nas relações em nossa sociedade. As crianças identificaram situações de discriminação, destacando os exemplos dos negros, índios, mulheres, pessoas acima do peso, entre outros. Ele também cita um pouco do que aconteceu com o povo judeu na Segunda Guerra Mundial e foi realizada, em conjunto, a comparação com a narrativa dos quadrinhos apresentados, assim, as crianças puderam ter acesso a temática do bullying, e identificar que muitos das ações de violência também estão relacionadas as diferenças.

So (2020), teve em seu trabalho com o ensino fundamental séries finais considerações importantes sobre o conteúdo luta através dos jogos de oposição. De doze alunos, cinco apresentaram recusa na aprendizagem de lutas. Suas impressões iniciais sobre a temática estavam relacionadas ao medo de se machucar e na crença da existência de uma suposta violência associada à luta: "Luta é chata, só vê a pessoa apanhando e aí sai sangue"; "É uma briga, um chute, assim, por exemplo, você bate aí sai sangue [...] machuca, vai ficar roxo, a perna, o braço"; "É uma coisa agressiva, um método que machuca"; "É um pouco violento [...] por causa que os cara vai se bater lá, bate um na cara do outro, fica roxo". Mais um vez falas que diminuem a luta corporal à violência.

Questionados após o período de intervenção com os jogos de lutas, sobre o que acharam das aulas de lutas, muitos alunos manifestaram nessa direção: "Ah, porque foi divertido, né?". "Luta não é um ato de violência, essa luta. É o ato de se divertir, ao mesmo tempo, você brinca, ao mesmo tempo você se diverte... e ao tanto que você faz essa luta, você conhece mais amigos e tem mais amizade". "Ah, porque foi tipo de uma luta legal. Não foi de machucar [...]". "Não é uma luta briguenta. Só de movimentos [...] É de movimentos leves para deslocar o cara".

Em um primeiro momento, o sentido inicial de alguns discentes estava relacionado ao medo de se machucar, à ansiedade, à associação com a briga, à violência. Após a prática corporal dos jogos de lutas, os sentidos destes estudantes tenderam ao maior prazer, à diversão e à ludicidade (SO, 2020, p. 8)

Os jogos de oposição podem ser utilizados como uma estratégia didática para abordar o tema das lutas nas aulas de Educação Física, favorecendo o aprendizado dos alunos de forma lúdica e divertida. Nesse contexto, é possível identificar características que se destacam nos jogos, como o lúdico e a sobreposição da vida cotidiana, que atuam favoravelmente no rompimento de tensões iniciais e na dissociação entre violência e lutas. Os jogos de oposição apresentam uma dinâmica que instiga a participação ativa dos alunos, favorecendo a mobilização e o envolvimento com o conteúdo luta. Além disso, a sobreposição da vida cotidiana presente nos jogos permite que os estudantes possam utilizar suas experiências e conhecimentos prévios para lidar com as situações propostas, o que contribui para a compreensão e assimilação dos conteúdos. Vale destacar que a mediação docente é fundamental para a criação de uma ambiência favorável ao desenvolvimento do jogo. O professor deve estar atento para estabelecer regras

claras e objetivas, garantindo um ambiente seguro e respeitoso para todos os alunos. Nesse sentido, o uso dos jogos de oposição pode contribuir para o rompimento de barreiras iniciais e para a dissociação entre violência e lutas, demonstrando que as lutas podem ser compreendidas como uma prática que valoriza o respeito, a cooperação e o desenvolvimento físico e mental dos praticantes. Assim, é possível mobilizar os alunos para o aprendizado teórico/prático das lutas, incentivando a participação ativa para o conhecimento daquilo que é comum e particular entre as lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi possível perceber que a luta corporal tem uma longa trajetória histórica, que remonta à pré-história, e passou por diversas mudanças ao longo do tempo (paleolítico, mesolítico e neolítico). Na antiguidade, por exemplo, as lutas corporais eram associadas aos jogos olímpicos e a prática da guerra, e tinham um caráter ritualístico e cultural. Nesse trajeto as lutas corporais tiveram como finalidade sobrevivência, controle, poder, rituais, cultura, arte bélica, entretenimento, formação espiritual e esporte. E durante estes períodos caminhou lado a lado com a violência humana.

No contexto da educação física, a luta é um conteúdo que enfrenta dificuldades para ser trabalhado, devido à não compreensão do fenômeno como um todo, a falta de consenso sobre como conceituar as lutas, artes marciais e esportes de combate, também não ajudam em nada o avanço desse conhecimento. Foi visto que muitos autores tentaram conceituar, contudo de forma muito confusa sem limites para cada termo, o que se sabe é que o termo lutas é mais abrangente e cabe nele a arte marcial e as modalidades esportivas de combate, também cabe por exemplo os jogos de oposição. Quanto à arte marcial se dá por meio da sistematização da luta corporal segundo intenções bélicas, e posteriormente atribuições religiosas e filosóficas. A modernização levou as artes marciais ao local de esporte, sendo criadas o termo modalidade esportiva de combate, com federações responsáveis por cada modalidade tornando profissões envoltas num grande sistema econômico. A definição entre arte marcial e modalidade esportiva de

combate é complicada, pois ainda que haja diferenças funcionais é difícil colocar o karatê, muay thai, judô em um lugar ou outro.

Por falar em avanço, o que parece avançar é o cumprimento daquilo que está escrito nos parâmetros curriculares nacionais da educação física, professores cada vez mais quebrando pré-conceitos e ofertando aulas com o conteúdo luta. Embora também deva-se escutar os frequentes discursos que é importante ter na graduação cada vez mais qualidade na metodologia do ensino das lutas, ofertado no ensino superior. Foi visto nos trabalhos analisados que para além conteúdo meramente técnico, há utilização de vídeos, ajuda de especialistas, através de práticas recreativas e com aula de campo. Um avanço se considerar que anos atrás o conteúdo era evitado. Além disso, há também a preocupação por parte dos discentes em relação à violência, que foi associada a essa prática muito em detrimento dos veículos de comunicação, acarretando num conhecimento prévio muitas vezes equivocado. Nesse sentido, a proposta dos jogos de oposição se apresenta como uma alternativa interessante, uma vez que esses jogos permitem a vivência de situações de confronto e oposição. Os jogos de oposição podem ser adaptados para diferentes faixas etárias e níveis de habilidade, possibilitando que mais pessoas possam participar. No entanto, é importante destacar que a adoção dos jogos de oposição não deve ser vista como a única forma de ofertar aula de luta corporal na educação física. É necessário que haja um esforço conjunto por parte dos profissionais de educação física, pesquisadores e demais envolvidos na área para aprimorar o ensino da luta e desenvolver abordagens que sejam seguras, inclusivas e efetivas. Também reforço às indagações (“como, porquê, com quem, contra quem”) para melhor trabalho desse conteúdo, assim como destaco a importância das variações nos instrumentos utilizados nessas aulas, para que por exemplo não seja ofertada apenas através de vídeos.

As lutas corporais tiveram sua essência por muito tempo com a violência, nas primeiras formas de confronto não verbal, nos embates de pequenos grupos, nas disputas de povos e nações. A arte marcial pelo seu próprio nome já revela o seu intuito, contudo, durante a relação da arte marcial com os povos do oriente aproximou-se mais da filosofia e religião, dando um novo direcionamento a arte marcial, afastando-a de sua característica violenta. Na modalidade esportiva de combate, a maior parte das modalidades atendem a questão do entretenimento, o espetáculo para o público. Essas modalidades são regidas por federações que

criam as categorias, chegando até o profissionalismo, nesse e outros status é necessário zelar pela integridade dos atletas, contendo assim o uso da força e filtrando aquilo que é ofertado para os espectadores. Até mesmo os eventos de artes marciais mistas trabalham dentro da violência aceitável pela sociedade. Todo esse contexto mostra que o fenômeno luta está relacionado a violência, por certas modalidades específicas, mas que ela não se reduz a mesma, e que a violência não é exclusividade da luta corporal.

Em suma, a luta corporal é um tema complexo e desafiador na educação física, mas que pode ser abordado de forma positiva e construtiva. Ao entender a história e as mudanças da luta em cada época, e ao explorar as possibilidades oferecidas pelos jogos de oposição, é possível desenvolver práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional dos estudantes, dando segurança aos docentes e discentes para a abordagem do conhecimento, além de elucidar sanando as confusões entre luta e violência.

A linha que separa a luta corporal da violência nem sempre é clara e pode levar a situações de agressão e violência. Por isso, é de extrema importância compreender a relação entre a luta corporal e a violência, a fim de promover uma prática saudável e segura dentro e fora das escolas. Este estudo a partir da literatura permitiu uma reflexão aprofundada sobre essa relação. Foi possível perceber que a prática da luta corporal pode ser uma forma legítima de conhecimento, atividade física e auto-defesa, mas quando usada de forma inadequada, pode levar à violência e à agressão. É importante, portanto, que haja uma compreensão clara sobre os limites da prática e os valores que ela deve promover. É necessário que haja a promoção de uma cultura de respeito e tolerância no ambiente de prática de luta corporal. A violência e a agressão não devem ser toleradas em nenhum momento dentro do ambiente escolar. É essencial que os praticantes entendam que na luta há o aprimoramento pessoal, conhecimento acumulado pela humanidade e o respeito mútuo. A violência não deve ser estimulada na escola por qualquer motivo que seja. Além disso, é importante que os discentes tenham acesso à teoria e prática de forma segura. Os professores devem ter uma formação adequada e estar aptos a orientar os alunos sobre as técnicas corretas e os limites da prática. A falta de conhecimento adequado pode levar a acidentes e a situações de violência. Por fim, é fundamental que sejam promovidos mais debates e reflexões sobre a relação entre a luta

corporal e a violência. Em conclusão, o trabalho desenvolvido neste estudo é de extrema importância para a promoção de uma prática saudável e segura da luta corporal. É necessário que continuemos a investir em pesquisas e debates sobre esse tema, a fim de promover uma cultura de respeito e tolerância na luta corporal e garantir que essa prática seja uma fonte de saúde, desenvolvimento cognitivo, aprimoramento pessoal e respeito mútuo, e que causem adição na construção crítica dos alunos.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Laiza Maria. **Desmistificando as práticas de lutas e problematizando questões relacionadas à violência nas aulas de educação física.** *Revista UNEB*, vol. 4, no. 2, 2021, p. 24. *Cenas Educacionais*, <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/12163>. Accessed 2023.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine. **Jogos Olímpicos Gregos: discussões históricas.** *EFDeportes*, Junho 2012, <https://www.efdeportes.com/efd169/jogos-olimpicos-gregos-discussoes-historicas.htm>. Accessed 6 April 2023.

ARCHANJO, Flávio Miguel. **A luta corporal como prática educativa e o princípio do cuidado de si.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

“O que é Chimpanzé.” Portal São Francisco, 30 May 2016, <https://www.portalsaofrancisco.com.br/animais/chimpanze>. Accessed 2 April 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física/ Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998. 136 p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, 3o e 4o ciclos.** Brasília, 1998. v.7.b.

CAZETTO, F. F. **A influência do esporte espetáculo sobre o modelo de competição dos mais jovens no judô.** 2009. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CISNE, Mabel Dantas Noronha. **Formação e prática pedagógica na Educação Física escolar: a percepção dos professores sobre a temática**

lutas. vol. 11, no. 1, 2022, p. 15. Research, Society and Development, <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25212>.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. **Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate**. Motriz. Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 01 – 09, 2010.

CORREIA, W. R. **Lutas e artes marciais na escola: questões insólitas**. In: IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: as lutas no contexto da motricidade / III Simpósio sobre o Ensino de Graduação em Educação Física: 15 anos do Curso de Educação Física da UFSCar / V Shoto Workshop, 4, 2009, São Carlos. Anais... São Carlos: UFSCar, 2009. CD ROM.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades**. Perspectivas em Educação Física Escolar, Niterói, v. 2, n. 1 (supl.), p. 5-25, 2001.

ELIAS, Nobert. **A sociedade de corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio grande do Norte, Zahar, 2001. Repositório de Informação Acessível da UFRN, <https://ria.ufrn.br/handle/123456789/524#:~:text=ELIAS%2C%20Norbert.-,A%20Sociedade%20de%20corte%3A%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20sobre%20a%20sociologia%20da%20realeza,312%20p>. Accessed 6 April 2023.

ELIAS, Nobert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994. Universidade de São Paulo Brasil, https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4040999/mod_resource/content/6/A%20Sociedade%20Dos%20Individuos%20-%20Norbert%20Elias%20%281994%29.pdf. Accessed 6 April 2023.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, Heraldo Simões. “AS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.” *Revista de Educação Física*, 2006, pp. 36-44, <https://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/428/450>.

FERREIRA, Heraldo Simões (org.). **Modalidades de artes marciais, esportes de combate e lutas nos Jogos Olímpicos da Antiguidade e da Era Moderna**. Vitória: Editora da UFES, 2018.

FETT, C. A.; FETT, W. C. R. **Filosofia, ciência e formação do profissional de artes marciais**. Motriz. Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 173 – 184, jan/mar 2009.

FILHO, José Alexandre Felizola. **Modelos Ecológicos e extinção da Megafauna no pleistoceno**. *Repositório da Universidade Federal de Goiás*, vol. 2, no. 2, 2002, p. 29. *Repositório Institucional UFG*, <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/11550/5/Artigo%20-%20Jos%C3%A9%20Alexandre%20Felizola%20Diniz%20Filho%20-%202002.pdf>. Accessed Abr 2023.

FOLEY, Robert. **Os humanos antes da humanidade**. 1º ed., São Paulo, Unesp, 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRACIE, R.; GRACIE, R. **Brazilian Jiu Jitsu: teoria e técnica**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel, and Denise Tolfo Silveira. **Métodos de Pesquisa**. 1º ed., Porto Alegre, UFRGS, 2009. *Lume Repositório Digital*, <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Accessed 2 April 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODELIER, Muarice. Antropologia Econômica. In: COPANS, J. et al: **Antropologia ciência das sociedades primitivas?** Lisboa: Perspectiva do homem, 1971.

GOMES, F. **Psicologias dos esportes de combate e artes marciais**. In: RUBIO, K. (Org.). *Psicologia do esporte aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. Coleção Psicologia do Esporte.

GOMES, Marina. **Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais**. Porto Alegre: Movimento, 2010.

GONÇALVES, A. V. L.; SILVEIRA, R. da. **Arte marcial e esporte: um estudo etnográfico sobre uma equipe de judô de pelotas –RS**. Movimento, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 129–147, 2012. DOI: 10.22456/1982-8918.19159. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/19159>. Acesso em: 2 abr. 2023.

GOODE, W.J.; HATT, P.K. **Métodos em pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

HEGELE, B., González, F. J. & Borges, R. M. (2018). **Possibilidades do ensino das lutas: uma pesquisa – ação com professores de educação física**. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon. 16(1), 99-107

LEE, B. **O tao do jeet kune do**. 4. ed. São Paulo: Conrad, 2003.

LORENZO, E.; SILVA, F.; TEIXEIRA, S. **O Ensino de lutas na Educação Física: construindo estruturantes e mudando sentidos**. Disponível em: http://www.fundacaohantipoff.mg.gov.br/pdf/tabloide_lutas_ed_fisica.pdf, Acesso: 02 jan. 2010.

MARTINS, Carlos José, and Cláudia Kanashiro. "Bujutsu, Budô, esporte de luta." Motriz, vol. 16, no. 3, 2010, p. 10. <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3725>.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

MATITZ, Q. R. S.; VIZEU, F. **Construção e uso de conceitos em estudos organizacionais: por uma perspectiva social e histórica**. Revista de Administração Pública, v. 46, n. Rev. Adm. Pública, 2012 46(2), p. 577–598, mar. 2012.

MOREIRA, S. M. **Pedagogia do Esporte e o Karatê-dô: Considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) FEF, Unicamp, 2003.

NASCIMENTO, P. R. B.; ALMEIDA, L. **A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, set./dez. 2007.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O jiu jitsu brasileiro nas três dimensões dos conteúdos nas aulas de educação física escolar**. In: IV Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: as lutas no contexto da motricidade / III Simpósio sobre o Ensino de Graduação em Educação Física: 15 anos do Curso de Educação Física da UFSCar / V Shoto Workshop, 4, 2009, São Carlos. Anais... São Carlos: UFSCar, 2009. CD ROM.

RUFINO, L. G. B., & Darido, S. C. (2013). **Possíveis diálogos entre a Educação Física Escolar e o conteúdo Lutas na perspectiva da cultura corporal**. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 11(1), 145-170.

SANTOS, Luiz César Teixeira. **A atividade física e a construção da corporeidade na grécia antiga**. revista da educação física, 1997, p. 5. *ResearchGate*, https://www.researchgate.net/publication/277099815_A_ATIVIDADE_FISICA_E_A_CONSTRUCAO_DA_CORPOREIDADE_NA_GRECIA_ANTIGA/fulltext/559f4d1c08ae97223ddc66b6/A-ATIVIDADE-FISICA-E-A-CONSTRUCAO-DA-CORPOREIDADE-NA-GRECIA-ANTIGA.pdf. Accessed Mai 2023.

SILVA, Leonardo Ribeiro. **O conteúdo de lutas no combate à violência da discriminação e do preconceito na escola mediado por histórias em quadrinhos**. Educação a distância e práticas educativas comunicacionais e interculturais, vol. 18, no. 3, 2018, pp. 80-92. Accessed 2023.

SO, Marcos Roberto et al . **Jogo e lúdico no conteúdo lutas em aulas de educação física escolar**. Educ. fís. cienc., Ensenada , v. 22, n. 2, p. 125, 2020. Disponible en <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2314-2561202000200125&lng=es&nrm=iso>. accedido en abr. 2023. <http://dx.doi.org/https://doi.org/10.24215/23142561e125>.

SO, M. R.; BETTI, M. **Sentido, mobilização e aprendizagem: as relações dos alunos com os saberes das lutas nas aulas de educação física**. Movimento, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 555–568, 2018. DOI: 10.22456/1982-8918.70995. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/70995>. Acesso em: abr. 2023.

STEVENS, J. **Três mestres do Budo: Kano (judô), Funakoshi (karate), Ueshiba (aikido)**. São Paulo: Cultrix, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUSZ, R. A.; NUNES, A. V. **A evolução dos esportes de combate no currículo do curso de Educação Física da UFRGS**. Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 179 – 204, 2004.

TURELLI, F. C. **Corpo, domínio de si, educação: sobre a pedagogia das lutas corporais**. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

UENO, Viviane. **Agressividade, violência e budô: temas da educação física em uma escola estadual em Goiânia**. Goiânia: Pensar a prática, 2014

VASQUES, Daniel Giordani. **MMA e Educação Física Escolar: a luta vai começar**. Movimento, vol. 19, no. 4, 2013, pp. 289-308. Accessed 2023.

VENSON, Gabriela Eyng. **Motivos que levam os professores a (des)considerarem a luta como conteúdo de educação física escolar**. criciúma, UNESC, Jul 2014, p. 12, <http://repositorio.unesc.net/handle/1/3078>. Accessed 2023.